



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**CAMPUS I**  
**FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES – FALLA**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**BIANCA WALESKA RODRIGUES NÓBREGA**

**SILÊNCIO E DISSIMULAÇÃO COMO RESPOSTAS À VIOLÊNCIA DE  
GÊNERO: EXPLORANDO AS ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA E PUNIÇÃO  
FEMININA ATRAVÉS DA PROTAGONISTA DE *TUDO É RIO***

**CAMPINA GRANDE**

**2024**

BIANCA WALESKA RODRIGUES NÓBREGA

**SILÊNCIO E DISSIMULAÇÃO COMO RESPOSTAS À VIOLÊNCIA DE GÊNERO:  
EXPLORANDO AS ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA E PUNIÇÃO FEMININA  
ATRAVÉS DA PROTAGONISTA DE *TUDO É RIO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras - Língua Portuguesa (Monografia).

**Área de concentração:** Literatura.

**Orientador:** Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva

**CAMPINA GRANDE**

**2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N754s Nóbrega, Bianca Waleska Rodrigues.

Silêncio e dissimulação como respostas à violência de gênero: explorando as estratégias de resistência e punição feminina através da protagonista de "Tudo é rio" [manuscrito] / Bianca Waleska Rodrigues Nóbrega. - 2024.  
48 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva, Coordenação do Curso de Letras Português - FALLA".

1. Violência de gênero. 2. Análise literária. 3. Mulher. I. Título

21. ed. CDD 801.95

BIANCA WALESKA RODRIGUES NÓBREGA

SILÊNCIO E DISSIMULAÇÃO COMO RESPOSTAS À VIOLÊNCIA DE GÊNERO:  
EXPLORANDO AS ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA E PUNIÇÃO FEMININA  
ATRAVÉS DA PROTAGONISTA DE *TUDO É RIO*

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras  
Português da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de Graduada em Licenciatura Plena em  
Língua Portuguesa.

Orientador(a): Antônio de Pádua Dias da Silva

Aprovada em: 22 / 11 / 2024.  
Média: 10,0

**BANCA EXAMINADORA**

Antônio de Pádua Dias da Silva Nota:  
Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ana Lúcia Maria de Souza Neves Nota:  
Prof(a). Dr(a). Ana Lúcia Maria de Souza Neves (Examinadora Interna)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Gilda Carneiro Neves Ribeiro Nota:  
Prof.(a) Dr(a). Gilda Carneiro Neves Ribeiro (Examinadora Interna)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho à minha mãe, que é o meu maior exemplo de força e que foi a primeira pessoa a abrir meus olhos para a literatura.

Agradeço a Deus e a todos os meus guias espirituais, que, ao me verem com a cabeça encostada na janela do ônibus escolar quase vencida pela exaustão, nunca me deixaram desistir.

Aos meus primeiros alunos, agradeço de coração por me acolherem com tanto carinho. Vocês me fizeram amar ainda mais a educação, acreditar nela e ter o desejo de continuar. Obrigada por terem celebrado a minha presença. Vocês me ajudaram a reconhecer o meu valor.

Ao meu orientador, Antônio de Pádua, por ter acreditado em mim desde o início e por inspirar meu desejo de evoluir.

A todos os docentes que fizeram parte da minha jornada acadêmica e que, com brilho nos olhos, liam os poemas, faziam as análises e falavam de educação. Vocês são a nossa esperança e uma fonte constante de inspiração.

Aos meus familiares, amigos e a todos que, direta ou indiretamente, me apoiaram e incentivaram em minha jornada, meu mais sincero obrigada.

E, por fim, a mim mesma, por levantar todos os dias com o desejo de ser melhor. O resultado deste trabalho é fruto da minha persistência e determinação.

Este é apenas o começo.

Bem sei como são penosos  
esses lances de família,  
e discutir neste instante  
seria matar a festa,  
matando-te – não se morre  
uma só vez, nem de vez.  
Restam sempre muitas vidas  
para serem consumidas  
na razão dos desencontros  
de nosso sangue nos corpos  
por onde vai dividido.

Carlos Drummond de Andrade

## RESUMO

O amor intenso entre Dalva e Venâncio foi destruído pela brutalidade dele, e a violência nunca mais permitiu que o mundo familiar vivido pelo casal voltasse a ser o que era antes. Diante disso, este ensaio tem como objetivo explorar a violência de gênero que se materializa na obra *Tudo é rio* (2021), de Carla Madeira, para analisar a dinâmica entre a ação do personagem masculino, Venâncio, como autor da violência, e a reação da personagem feminina, Dalva, que não assume a postura de vítima, mas adota o silêncio e a dissimulação como formas de resistência e punição. O estudo investiga como essas estratégias não só respondem à violência, mas também funcionam como recursos narrativos que reconfiguram as relações de poder ao longo da trama, desestabilizando a lógica da dominação masculina. Além disso, o trabalho também reflete sobre o impacto emocional dessas ações em Venâncio, expondo sua fragilidade enquanto homem. Para sustentar a hipótese de que Dalva utiliza o silêncio e a dissimulação como mecanismos para resistir e punir Venâncio, fazendo-o lembrar todos os dias da dor que causou, o trabalho fundamenta-se em autores como Eni Orlandi (1997), que aborda o conceito de silêncio; Torquato Accetto (2001), que discute a dissimulação honesta; Pierre Bourdieu (1999), com suas reflexões sobre a dominação masculina; Michel Foucault (1990, 1999), ao tratar de poder e punição; Elisabeth Badinter (1993), sobre identidade masculina; Sócrates Nolasco (1993), com o mito da masculinidade; Elódia Xavier (1998), que aborda a hierarquia familiar, entre outros. Portanto, o estudo busca revelar como essas estratégias, muitas vezes subestimadas nas análises literárias, carregam significados profundos capazes de transformar as dinâmicas afetivas. Ao abordar a violência de gênero, o trabalho contribui para a reflexão sobre o papel da literatura na exposição dessa violência, destacando a importância dessas táticas na construção de narrativas que vão além da simples representação da opressão, abrindo espaço para novas formas de resistência e empoderamento feminino.

**Palavras-chave:** Violência de gênero; silêncio; dissimulação; punição; resistência.

## ABSTRACT

The intense love between Dalva and Venâncio was destroyed by his brutality, and the violence no longer allowed the familiar world the couple once shared to return to what it used to be. In light of this, this essay aims to explore the gender-based violence materialized in *Tudo é Rio* (2021) by Carla Madeira, to analyze the dynamic between the actions of the male character, Venâncio, as the perpetrator of violence, and the response of the female character, Dalva, who does not assume the role of a victim but instead adopts silence and dissimulation as forms of resistance and punishment. This study investigates how these strategies not only respond to the violence but also serve as narrative devices that reshape power relations throughout the plot, destabilizing the logic of male domination. Additionally, this work also reflects on the emotional impact of these actions on Venâncio, exposing his fragility as a man. To support the hypothesis that Dalva uses silence and dissimulation as mechanisms to resist and punish Venâncio, forcing him to remember each day the pain he caused, the study draws on authors such as Eni Orlandi (1997), who addresses the concept of silence; Torquato Accetto (2001), who discusses honest dissimulation; Pierre Bourdieu (1999), with his reflections on male domination; Michel Foucault (1990, 1999), on power and punishment; Elisabeth Badinter (1993), on male identity; Sócrates Nolasco (1993), with the myth of masculinity; Elódia Xavier (1998), who addresses family hierarchy, among others. Thus, the study seeks to reveal how these strategies, often underestimated in literary analyses, carry profound meanings capable of transforming affective dynamics. By addressing gender-based violence, this work contributes to reflections on the role of literature in exposing such violence, highlighting the importance of these tactics in constructing narratives that go beyond mere representations of oppression, creating space for new forms of female resistance and empowerment.

**Keywords:** Gender violence; silence; dissimulation; punishment; resistance.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 O PESO DO CIÚME: EXPLORANDO A RELAÇÃO ENTRE DALVA E VENÂNCIO.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 O mito da masculinidade e a loucura do pai .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 A hierarquia familiar: dinâmicas de poder, controle e violência.....</b>	<b>21</b>
<b>2.3. A profundidade do silêncio: a água como reflexo das emoções.....</b>	<b>26</b>
<b>2.4 Desvendando o silêncio: entre dominação e resistência .....</b>	<b>27</b>
<b>3 DISSIMULAÇÃO: UMA ABORDAGEM ESTRATÉGICA.....</b>	<b>31</b>
<b>3.1 O papel do silêncio e da dissimulação na construção do poder feminino de Dalva....</b>	<b>33</b>
<b>3.2 A resistência de Dalva e a dinâmica da punição .....</b>	<b>36</b>
<b>3.3 Entre resistência e redenção: reflexões finais sobre Dalva e Venâncio .....</b>	<b>40</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na obra *Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea* (2022), Regina Dalcastagnè aborda a literatura como um campo de representação, onde diferentes interesses e perspectivas sociais se encontram e se chocam. Nesse contexto, a autora destaca a importância de refletir sobre o que seria "falar no lugar do outro", questionando como os discursos literários podem reforçar ou desafiar as relações de poder. Além disso, a autora problematiza quem detém o direito de representar e dar voz a determinadas identidades, levantando questões sobre quem participa dessa literatura, qual lugar esses sujeitos ocupam na sociedade e o que o silêncio de certos grupos esconde.

Dessa maneira, ao trazer essa reflexão para o contexto das mulheres, especialmente em sociedades como a brasileira, é pertinente refletir sobre como elas frequentemente enfrentam múltiplas formas de violência, e em como a literatura expressa essa tradição de dor e sofrimento, não apenas como representação, mas também como um meio de reflexão crítica, buscando sensibilizar e promover mudanças. Em muitos textos literários, o sofrimento feminino é intensificado pela brutalidade masculina, com narrativas permeadas por escolhas que revelam a crueldade de homens que reafirmam seu poder por meio da virilidade. Nesse cenário, os estudos de gênero têm encontrado na literatura um espaço cada vez maior para o debate acerca das violências, onde as obras constantemente apresentam protagonistas que utilizam estratégias de resistência para sobreviver à dominação masculina, trazendo à tona problematizações, denúncias e uma maior visibilidade para discursos de cunho feminista.

Na literatura brasileira, são variados os registros de violência contra a mulher, intimamente ligados aos comportamentos que refletem uma sociedade com resquícios patriarcais. Sendo assim, parte dos textos literários atuam como um espelho que revela as dinâmicas de poder presentes no mundo real, evidenciando a figura do agressor sob diferentes perspectivas. Essas representações capturam tanto as sutilezas quanto o horror da violência física e simbólica, mostrando como a dominação masculina se perpetua nos mais diversos contextos.

Ao se conectar à realidade, a literatura expõe uma cultura dominante que molda e disciplina os padrões sociais, revelando a maneira como a violência de gênero está presente nessas estruturas. Mesmo com a existência de um aparato jurídico voltado para a proteção dos direitos das mulheres e a repressão da violência de gênero, o distanciamento entre as leis e sua aplicação reflete uma realidade em que essa forma de violência continua a ser uma questão urgente em diversas partes do mundo.

Com isso, ao retratar essa brutalidade, a literatura vai além da mera representação; ela provoca reflexões críticas ao construir personagens e enredos que vivenciam a violência em suas diversas manifestações, e as narrativas literárias estabelecem um diálogo profundo entre ficção e realidade, expondo a complexidade das relações de poder e a necessidade de transformações. Em função disso, é importante destacar que a Organização das Nações Unidas (ONU)<sup>1</sup> define violência de gênero como qualquer forma de agressão física, psicológica, simbólica ou sexual, direcionada a um indivíduo em função de sua identidade de gênero ou orientação sexual.

Conforme um levantamento realizado pelo DataSenado<sup>2</sup>, em 2023, três a cada dez mulheres sofreram violência doméstica realizada por homens. Por conseguinte, a pesquisa também destacou que quanto menor a renda, maior a probabilidade da mulher ser vítima de violência doméstica. Estima-se que mais de 25,4 milhões de brasileiras tenham enfrentado essa situação em algum momento de suas vidas, e que a violência psicológica é a mais frequente (89%), seguida pela violência moral (77%), física (76%), patrimonial (34%) e sexual (25%).

Considerando esses dados e o potencial dos estudos literários para aprofundar a reflexão sobre as relações afetivas, o presente ensaio foca na maneira como a violência de gênero se materializa na obra *Tudo é rio* (2021), para analisar a dinâmica entre a ação do personagem masculino, Venâncio, como autor da violência, e a reação da personagem feminina, Dalva, que não assume a postura de vítima, mas escolhe o silêncio e a dissimulação como estratégias de resistência e punição.

Dessa forma, a força da narrativa se revela na quebra da previsibilidade, pois a atitude da personagem não corresponde à reação esperada de fragilidade, como impõe a tradição, ao contrário, funciona como uma forma de sobrevivência que coloca Venâncio diante de uma inadequação emocional e psicológica. A expectativa masculina de controle sobre a mulher é frustrada, e a reação de Dalva expõe uma nova forma de poder, desestabilizando a lógica tradicional da dominação e abrindo espaço para a reflexão sobre as complexidades das relações de gênero.

Sendo assim, a análise segue a trajetória complexa de Dalva e Venâncio, começando com a leveza e empatia de Dalva, passando pela construção do amor deles, pela violência

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/direito/a-intervencao-organizacao-das-nacoes-unidas-onu-na-violencia.htm#:~:text=Segundo%20a%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20de%20Bel%C3%A9m,p%C3%BAblica%20como%20na%20esfera%20privada%E2%80%9D>. Acesso em: 11 set. 2024.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/noticias/materias/2023/11/21/datasenado-aponta-que-3-a-cada-10-brasileiras-ja-sofreram-violencia-domestica>. Acesso em: 11 set. 2024.

sofrida, pela insegurança de Venâncio e suas marcas emocionais e finaliza ao apresentar o silêncio e a dissimulação como respostas à violência, permitindo uma compreensão profunda da transformação de ambos os personagens: da subjetividade encantadora de Dalva à sua nova realidade e do desespero de Venâncio diante do vazio que essa mudança provoca. Diante disso, o estudo pretende revelar as nuances do silêncio e da dissimulação como escolhas narrativas, questionando como a ausência de voz pode, paradoxalmente, ressoar de forma intensa, e de que maneira esse mecanismo contribui para a construção de um enredo onde o silêncio surge como uma força ativa que influencia o curso dos acontecimentos, expandindo a dimensão das emoções que envolvem a história.

Ademais, problematiza-se a ideia de punição no contexto da desobediência. Se há punição, pressupõe-se que seja uma consequência a uma ação considerada indesejável, tendo como objetivo a correção de um comportamento. Essa prática não apenas reflete uma transgressão de regras, mas também a dinâmica de poder entre o agente que aplica a penalidade e o sujeito que a recebe. No entanto, e se as ações de Venâncio forem motivadas por um possível estado de loucura, ou por perturbações inconscientes, não deliberadas? Nesse caso, o silêncio e a dissimulação de Dalva funcionaria como punição ou representaria um modo de não compreender totalmente a situação?

Tendo isso em vista, o tema deste ensaio surgiu ao longo da minha jornada acadêmica no curso de Letras - Português, especialmente ao ler *Tudo é rio* (2021)<sup>3</sup>, primeiro livro da autora ao qual tive contato, e experimentar o desconforto causado pelo contraste entre a brutalidade de Venâncio e o silêncio de Dalva. A inquietação foi aprofundada através do envolvimento com obras de autoria feminina que exploram a complexidade das relações afetivas. Essas leituras não apenas enriqueceram minha formação acadêmica, mas também ressaltaram a importância de adotar uma abordagem crítica e aprofundada sobre o silêncio e a dissimulação, para compreender como essas estratégias, que parecem ínfimas em comparação à multidão de linguagens que temos acesso diariamente, conseguem exercer um impacto significativo nas

---

<sup>3</sup> *Tudo é rio* é o livro de estreia de Carla Madeira, lançado em 2014 pela Editora Quixote-Do e relançado em 2021 pela Editora Record. A obra, que rapidamente se tornou um grande sucesso de vendas, ultrapassou a marca de 200 mil exemplares, o que consolidou a autora como uma das escritoras mais lidas do Brasil. A narrativa acompanha a vida de Dalva e Venâncio, marcada por uma tragédia causada pelo ciúme doentio dele, e pela presença de Lucy, uma prostituta que entrelaça seu destino ao do casal, complicando ainda mais a dinâmica entre eles. Natural de Belo Horizonte, onde nasceu em 1964, Madeira é formada em jornalismo e publicidade e atuou como professora de redação publicitária na UFMG. Ela também é sócia e diretora de criação da agência Lápis Raro.

relações de gênero.

Em razão disso, o que também motivou a hipótese de leitura surge da observação de que, muitas vezes, o silêncio e a dissimulação são minimizados em análises literárias, tratados como meros subprodutos da comunicação verbal. Todavia, a obra de Carla Madeira evidencia que essas estratégias não são apenas respostas passivas, mas estratégias de resistência carregadas de significados.

Nesse sentido, cabe também destacar, desde o início do trabalho, que a discussão sobre gênero é marcada por diferentes abordagens e posicionamentos dentro do campo acadêmico. Alguns pesquisadores trabalham esses temas, mas negam qualquer ligação com o feminismo, tratando gênero como uma categoria neutra. Em contrapartida, um número crescente de estudiosos tem se engajado em uma construção de um estudo de gênero que analisa as relações de dominação masculina e valoriza o diálogo entre teoria, movimento social e realidade. Essa abordagem reconhece que teoria e ação política se encontram, ampliando a compreensão das dinâmicas de gênero. Assim, como diz Chauí (1997, p. 362), a liberdade não se encontra na ilusão do “posso tudo”, nem no conformismo do “nada posso”, mas na disposição de interpretar as possibilidades que se apresentam.

Em trabalhos como este, há um chamado para que o autor escreva em primeira pessoa, especialmente quando a discussão se baseia nas vivências de quem analisa. Como mulher que estuda questões de gênero, reconheço a importância de inserir uma perspectiva mais pessoal sobre o tema, pois ela traz à tona meu modo de sentir e compreender o que está sendo abordado.

Contudo, em várias partes do texto, optei por uma abordagem mais impessoal. Essa dualidade visa equilibrar a expressão da minha opinião pessoal com uma análise crítica fundamentada em embasamentos teóricos e dados concretos, enriquecendo o trabalho para futuras leituras. Minhas reflexões como mulher são relevantes para a discussão nos estudos de gênero, e em determinados momentos, permito-me aparecer, seja ao questionar a persistência da violência contra mulher, seja ao discutir o caminho que Dalva toma no final do livro. Ao mesmo tempo, busco evitar que minhas opiniões pessoais dominem o texto. A impessoalidade, nesses casos, se torna uma estratégia para assegurar o rigor acadêmico. Essa abordagem equilibrada contribui para uma compreensão mais abrangente do tema em questão.

Frente a isso, à luz das obras de autores como Eni Orlandi (1997), que aborda o conceito de silêncio; Torquato Accetto (2001), que traz a ideia de dissimulação honesta; Pierre Bourdieu (1999), que analisa a dominação masculina; Michel Foucault (1990, 1999), com suas teorias sobre poder e punição; Elisabeth Badinter (1993), que investiga a construção da identidade masculina; Elódia Xavier (1998), cujos estudos enfocam a hierarquia familiar, Sócrates Nolasco

(1993), com o mito da masculinidade, entre outros, este trabalho visa trazer novas perspectivas sobre a relevância do silêncio e da dissimulação tanto na literatura quanto nas dinâmicas de poder das relações afetivas.

## 2 O PESO DO CIÚME: EXPLORANDO A RELAÇÃO ENTRE DALVA E VENÂNCIO

Dalva<sup>4</sup> e Venâncio<sup>5</sup> cresceram juntos, brincando na rua. Porém, essa ligação foi interrompida quando Venâncio precisou ir embora, pois sua mãe, percebendo o relacionamento cada vez mais conturbado entre ele e seu pai, decidiu afastá-lo para protegê-lo. Venâncio foi viver com uma tia e passou anos longe, retornando apenas quando já era adulto. Ao voltar, Dalva mal reconheceu que aquele homem de traços fortes, era o menino que achava “esquisito” na infância. Venâncio, ao olhar para Dalva depois de tanto tempo, logo lembrou da menina corajosa e bondosa que levava bichos para a casa contra a vontade do pai, e que agora era uma moça que mexia com ele por dentro.

O reencontro foi intenso. A troca de olhares os desorganizou, esfriando a barriga e trazendo vontade de correr em outras direções. Um sentimento forte que surgiu junto com a urgência de se consolidar em algo mais sério. Não demorou para que se tornassem um casal, e quem olhava de fora, desejava um amor como aquele. Amor onde era presente a fala, o toque, o cheiro, o olhar. Eles faziam tudo juntos, e Venâncio logo se tornou parte da família de Dalva, sendo um segundo filho para a mãe e o pai dela. Ele era dedicado e trabalhador, conquistando todos em sua volta por ter um jeito discreto. Já Dalva, no início da trama, é descrita pela autora como uma figura leve, amorosa e empática, cuja presença delicada e voz cativante a tornavam alvo de admiração. Seu pai, que a chamava carinhosamente de “sábia”,<sup>6</sup> reconhecia o poder transformador que sua voz exercia sobre aqueles ao seu redor:

Todo mundo aqui em casa canta bem, é afinado, tem ritmo, mas ninguém canta como Dalva. A voz dela para a gente no meio de qualquer coisa, dá vontade só de ouvir,

---

<sup>4</sup>Significado do nome Dalva: Dalva é um nome feminino de origem nórdica, derivado do sueco *Daglava*, composto pelos elementos *dag* (dia) e *lava* (brilho ou luz), significando "o brilho do amanhecer" ou "a luz da manhã". Pessoas chamadas Dalva tendem a ser espirituosas e vibrantes, refletindo a luz do amanhecer que seu nome sugere. Apesar de suas raízes nórdicas, Dalva se tornou um nome popular em países de língua portuguesa, provavelmente devido à sua sonoridade bela e significado poético.

Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/guia-de-nomes/dalva/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

<sup>5</sup>Significado do nome Venâncio: Venâncio: Significa “aquele que está caçando”, “caçador”. Sua origem vem do latim *Venantius*, a partir de *vens*, *venantis*, particípio presente do verbo *venari*, que quer dizer “caçar”.

Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/venancio/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

<sup>6</sup>Em tupi, “sabiá” significa “aquele que reza muito”, em alusão à voz dessa ave. Segundo uma lenda indígena, quando uma criança ouve, durante a madrugada, no início da primavera, o canto do sabiá, será abençoada com muita paz, amor e felicidade.

Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/sabia-laranjeira#:~:text=Em%20tupi%2C%20sabi%C3%A1%20significa%20E2%80%9Caquele.muita%20paz%2C%20amor%20e%20felicidade.> Acesso em: 29 nov. 2024.

fechar o olho e ir com ela, sem pressa e sem distração. Quando Dalva canta, tudo que é ruim desaparece, fica só a vontade de ficar perto, é uma beleza, não tem outro lugar melhor no mundo do que estar ali ouvindo (Madeira, 2021, p. 189).

Em contrapartida, o encantamento que Dalva emanava sobre os outros despertou em Venâncio um profundo sentimento de insegurança, fazendo com que sua maior fraqueza fosse logo revelada: o ciúme que crescia silenciosamente dentro dele a cada dia.

A graça de Dalva cantando,<sup>7</sup> sua voz afinada, a maneira como ela emprestava sentido ao que as músicas diziam, seu jeito de corpo eram tão atraentes para ele que não podiam deixar de ser para todos os rapazes da sala. Na cabeça de Venâncio, quem olhasse para ela não escaparia de seus encantos. Era impossível não se apaixonar. Seriam todos tomados por um desejo incontável de conquistá-la. Se torturava inseguro, sufocado de contradições. Queria apagar a luz de Dalva na sala e acender no quarto, só para ele (Madeira, 2021, p. 94).

Esse ciúme, que Descartes descreveu no artigo 167 do tratado *As Paixões da Alma* (1649, 2021) como um temor ligado ao desejo de preservar algo valioso, levando o indivíduo a considerar até os menores indícios de suspeita como razões válidas para desconfiar, tomou proporções devastadoras na mente de Venâncio. Ele começou a criar cenários imaginários de traição, alimentando uma fantasia de que todos desejavam conquistar Dalva. O ciúme descontrolado encontrou seu ápice em um momento emblemático da narrativa: ao ver Dalva receber flores de Ildeu, um amigo de longa data da família. Venâncio, tomado por sua paranoia, atacou-o violentamente, acreditando ter testemunhado uma declaração de amor entre os dois:

[...]Para Venâncio, que via sem ouvir, a conversa era outra. Imaginou uma declaração de amor com riqueza de detalhes. Não teve dúvida do desejo que presenciava. Eu sabia que ia acontecer! Pensou no texto completo, ele dizendo que estava apaixonado, que esperaria por ela o tempo que fosse necessário. Eu sabia. Acompanhou a reação de Dalva paralisado. Viu quando ela se colocou diante daquele ossudo estúpido, olhos nos olhos, quase sentindo o hálito um do outro, viu quando ela levou as mãos ao rosto, sua dancinha sedutora, a intimidade da flor sendo colocada em seus cabelos. Nessa hora, começou a correr em direção aos dois, trombou em algumas pessoas, atravessou a rua sem olhar, chutou o portão para entrar e partiu para cima de Ildeu. Deu um soco na cara dele, com toda a força que pôde reunir. Com o rosto arrasado, Ildeu caiu no chão atordoado, fazendo um corte severo no braço, que estourou na quina da escada. Os gritos foram ouvidos de dentro de casa: Você não encosta a mão no que é meu, que eu não encosto a mão no que é seu, seu merda (Madeira, 2021, p. 89).

---

<sup>7</sup>Cantar é uma forma universal de expressão humana que transcende as palavras, permitindo que emoções como felicidade, tristeza, amor, raiva e esperança sejam transmitidas de maneira poderosa e conectem emocionalmente as pessoas. Além de expressar sentimentos, o canto frequentemente assume um significado espiritual ou religioso em diversas culturas, sendo utilizado como forma de adoração, devoção e conexão com o divino. Ao longo da história, o canto tem desempenhado um papel essencial, consolidando-se como uma tradição milenar que eleva a alma, promove a paz interior e proporciona uma sensação de transcendência. É, ainda, uma jornada pessoal de autodescoberta, em que a voz humana, com sua singularidade, revela emoções de maneira melodiosa e envolvente.

A neurociência ajuda a explicar a intensidade dessas emoções. Segundo Fisher (1995), o ciúme está ligado ao funcionamento do núcleo accumbens, uma região do cérebro associada ao prazer e à dependência. Conforme o autor, a dopamina, um neurotransmissor ligado à recompensa, está diretamente envolvida na ativação desse circuito cerebral. A ocitocina, um hormônio que promove o vínculo afetivo, também estimula a liberação de dopamina no núcleo accumbens, intensificando o apego à pessoa amada. Em pessoas com ciúme patológico, a resposta ao estímulo de ocitocina pode ser exagerada, gerando uma dependência emocional comparável à dependência química.

Esse processo neurobiológico faz com que o ciumento se torne "viciado" no parceiro, o que pode aumentar o grau de ciúme, ansiedade e sentimentos de culpa associados a esse comportamento. Assim, o ciúme é uma emoção complexa que transcende os limites da realidade objetiva, sendo em grande parte moldado por fantasias internas e percepções distorcidas. A mente ciumenta cria cenários competitivos que não necessariamente correspondem à realidade, resultando em conflitos internos e disfuncionais. Trata-se de um conflito intrapsíquico que reflete não apenas as inseguranças do indivíduo, mas também as pressões sociais e culturais relacionadas ao poder e à posse nas relações amorosas.

Aurora, mãe de Dalva, alertou sua filha sobre o perigo que o ciúme de Venâncio representa, descrevendo-o como um sentimento feroz, capaz de ressurgir a qualquer momento e devastar tudo ao seu redor, mesmo quando parece adormecido. Todavia, apesar de reconhecer a ameaça iminente, ela confia em Dalva e lhe concede a liberdade de tomar a decisão final. Com a esperança de que as coisas se acalmariam, Aurora opta por não intervir diretamente, permitindo à filha seguir seu próprio caminho, mesmo diante da sua inquietação:

Você acabou de ver o ciúme dele mostrar os dentes e viu que é feio pra valer, é feroz e está vivo. Pode até cochilar, dormir um sono profundo, mas morrer mesmo só quando Venâncio morrer com ele. Não se iluda, o ciúme pode destruir qualquer amor. Dá muito trabalho não deixar ele devorar a alegria de ficar junto. Eu sei que isso é só uma parte de Venâncio, não é ele todo, e mesmo assim meu coração aperta quando penso, tenho cisma, não é de hoje. Mas é o seu coração que conta. O que você fizer, minha filha, pra mim, sempre vai poder desfazer (Madeira, 2021, p. 102-103).

O ciúme de Venâncio é uma fraqueza central que desestrutura sua existência e compromete suas relações. Essa característica encontra paralelo em outros personagens da literatura brasileira que também sucumbem ao ciúme excessivo e destrutivo. Paulo Honório, do livro *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, por exemplo, demonstra um ciúme exacerbado em relação à esposa Madalena, levando-o a confrontos violentos. Nem mesmo o nascimento do filho do casal é capaz de amenizar suas desconfianças.

Outro exemplo marcante é Bentinho, de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, cujo ciúme em relação a Capitu assume proporções delirantes. A obsessão de Bentinho o leva a interpretar gestos e atitudes de Capitu como traição, apesar da ausência de provas concretas, reforçando a imagem de Capitu como "dissimulada"<sup>8</sup>, um rótulo criado por sua paranoia.

O ciúme desses três personagens — Venâncio, Paulo Honório e Bentinho — exemplifica como a literatura retrata a força destrutiva desse sentimento quando levado ao extremo. Embora diferentes em suas histórias e contextos, todos compartilham um padrão comum: são consumidos pelo ciúme, que os leva a distorcer a realidade e a se perder em sua própria insegurança. Ao explorar essas dinâmicas, a literatura ilumina os mecanismos psicológicos do ciúme, que frequentemente levam à paranoia e ao delírio, enquanto apresenta personagens femininas que desafiam as expectativas tradicionais de fragilidade, revelando sua complexidade e resistência em meio às acusações e rotulações que enfrentam.

No caso de Venâncio, seu ciúme patológico gerou uma dependência emocional que o levou a um comportamento cada vez mais possessivo e violento. Essa possessividade, aliada ao crescente desespero dele, foi amplificada quando o casal teve um filho. Para Dalva, a chegada da criança foi um momento de profunda realização. Quando ela engravidou, a notícia foi recebida quase como uma confirmação de que a natureza estava conspirando para garantir a continuidade do amor entre eles. Mas quando o bebê nasceu, ele passou a simbolizar para Venâncio a perda de seu lugar central na vida de Dalva, que já queria seu filho mais do que qualquer coisa.

[...] Venâncio, quando viu a barriga de Dalva crescer, foi vendo crescer nele um ciúme doentio. Mas era tarde, não comandava o curso do rio. Estava feito. Dalva já queria aquele filho mais do que qualquer outra coisa. Pensava nele, falava dele, entregava as mãos à barriga e dela não se afastava. Era bercinho para cá, bordados para lá, banhos demorados voltados para o próprio umbigo, tardes inteiras cantando canções de ninar com uma voz débil, daquelas que os adultos fazem quando pensam encantar as crianças. Passou a evitar Venâncio com medo de machucar o bebê, olhava mais para o espelho do que para os olhos dele e foi alimentando nele a mais profunda convicção de que naquela barriga crescia um ladrão que ia roubar para sempre a mulher da sua vida. A loucura começa como a doença, miúda. Vai se alastrando célula a célula, ocupando tudo, destruindo a saúde, acabando com a vida de quem não encontra recurso para deter os pensamentos ruins, fazedores dos mais profundos infernos [...] (Madeira, 2021, p. 20).

---

<sup>8</sup> [...] Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada [...] (Assis, 2019, p. 128).

Embora seja José Dias, outro personagem do livro, quem profere essas palavras, o impacto delas é significativo, pois contribui para moldar a forma como Bentinho enxerga Capitu. Suas observações alimentam as inseguranças e os ciúmes de Bentinho, que reverbera essas descrições ao longo da narrativa.

O auge de sua brutalidade ocorreu quando, ao ver o bebê mamando, em um ataque de fúria, o arremessou com violência, expondo o lado mais obscuro de sua personalidade:

O filho tinha nascido de manhã, quando ele entrou no quarto, Dalva oferecia o bico do peito para o menino. Os olhos de Venâncio pararam ali, sentiu uma dor de infidelidade, traição, a nuca esquentou num quase desmaio. Ela punha na boca do menino o bico do seio que era dele, o bico, acordado e nu, estava lá entumecido, pronto, sem que ele o tivesse excitado. A boca do neném buscava ansiosa o peito farto e úmido querendo sugar, engolir e ainda tão sem saber. O mamilo se dobrava passando na boquinha pequena, querendo ser pego por ela. Dalva se entregava a uma emoção única, da mais comovente ternura. O momento dela e do filho cegou Venâncio de uma absurda loucura. Ele arrancou o menino dos braços dela e jogou longe, bateu em Dalva, bateu, bateu. Espancou (Madeira, 2021, p. 22).

Esse episódio selou a destruição da conexão que existia entre eles. A partir desse momento, o amor que Dalva sentia por Venâncio foi profundamente abalado, dando início a uma série de acontecimentos que redefiniram a trajetória do casal. A violência não apenas destruiu a confiança e o afeto, mas também instaurou uma barreira entre eles, transformando o relacionamento em uma relação marcada pelo distanciamento e pelo silêncio.

## **2.1 O mito da masculinidade e a loucura do pai**

A obra *O mito da masculinidade* (1993), de Sócrates Nolasco, explora as expectativas sociais impostas aos homens e como essas expectativas influenciam suas escolhas e comportamentos, tanto no âmbito profissional quanto afetivo. O autor critica o condicionamento masculino a modelos rígidos de masculinidade, fundamentados na virilidade, agressividade e controle, os quais são perpetuados pela família, escola e sociedade. Para ele, essa construção social aprisiona emocionalmente os homens, levando-os a internalizar solidão e sofrimento, ao mesmo tempo em que se sentem constantemente desconfortáveis com o papel de "machos" que desempenham. Essa análise ajuda a entender parte do comportamento de Venâncio, que exemplifica muitos aspectos do mito masculino tradicional.

Conforme Nolasco, a masculinidade tradicional é moldada pelo desejo de exercer controle sobre os outros. Isso é refletido nas atitudes de Venâncio, que manifesta ciúme possessivo e recorre à violência ao sentir que perde o controle sobre Dalva. A posse sobre a mulher também é uma consequência da socialização masculina, na qual os homens são ensinados a enxergar suas parceiras como uma extensão de si mesmos. Esse ciclo de dominação culmina, no caso de Venâncio, em explosões de agressividade.

Ao perceber que outros homens olham para Dalva, Venâncio se sente ameaçado, interpretando isso como uma afronta à sua masculinidade. No livro de Nolasco, o ciúme é descrito como uma consequência das expectativas culturais que envolvem a masculinidade, nas

quais as mulheres são vistas como propriedades dos homens. Esse conceito é exemplificado no romance quando Venâncio tenta "apagar a luz" de Dalva, para que ela brilhe apenas para ele, revelando seu desejo de controle.

Para além disso, Venâncio personifica a repressão emocional discutida pelo autor, que descreve como os homens, por conta das normas de masculinidade, não são encorajados a expressar seus sentimentos de vulnerabilidade de maneira saudável. Ao longo do romance, Venâncio lida com suas frustrações através da violência. Nolasco aborda que a violência muitas vezes é o mecanismo usado por homens para reafirmar poder em situações que fogem ao seu controle. Esse ato pode ser interpretado como uma manifestação do ciumento narcisista, que apresenta sérios problemas de rejeição e medo do abandono, desejando atenção unicamente para si.

O ciumento narcisista teme ser trocado, e o filho, nesse contexto, surge como uma ameaça à sua posição, intensificando sua agressividade. Ademais, desde a infância, meninos são ensinados a resolver conflitos através da força física, perpetuando a ideia de que agressividade é uma característica essencial da masculinidade. Venâncio, criado nesse paradigma, demonstra ser incapaz de romper com o ciclo destrutivo que lhe foi imposto.

A dependência emocional disfarçada de posse também é um tema discutido por Nolasco. Venâncio depende emocionalmente de Dalva para sustentar sua identidade masculina, e quando ela se cala após a morte do filho, ele entra em desespero. O silêncio de Dalva desestabiliza a dinâmica de poder que ele acreditava ter sobre ela, gerando uma crise profunda, uma vez que Venâncio não consegue lidar com suas próprias falhas. Desse modo, o silêncio de Dalva funciona como um espelho que expõe as inseguranças e o vazio emocional dele, fragilizando a masculinidade construída com base no controle e na violência.

Outro ponto crucial para entender a masculinidade de Venâncio é sua relação com o pai. É fundamental ressaltar que essa análise não deve tratar masculinidade e ciúme patológico como questões isoladas. O ciúme doentio de Venâncio é acentuado pela forte tradição na qual foi educado, alicerçada na virilidade e no machismo, fatores que, por si só, contribuem culturalmente para a violência e agressividade masculina. Quando essa educação é somada ao ciúme doentio, Venâncio se torna uma verdadeira bomba-relógio emocional.

Vale também reconhecer que o ciúme não é exclusivo de indivíduos com uma masculinidade exagerada; sua manifestação pode ocorrer em diversos contextos. Portanto, é essencial estabelecer uma conexão clara entre masculinidade tóxica e ciúme patológico para compreender a complexidade do personagem. Afirmar que a violência de Venâncio decorre unicamente de sua educação paterna desconsidera a complexidade de suas questões

psicológicas. Sua agressividade resulta de uma combinação entre esses elementos, a masculinidade viril e o ciúme, que perturbam sua mente e o levam a agir como um sujeito duplamente violento.

Sendo assim, Nolasco destaca que muitos homens herdaram de seus pais uma visão rígida de masculinidade, fundamentada na autoridade e na ausência de afeto. Venâncio cresceu em um ambiente onde expressar emoções era considerado fraqueza, o que ajudou a moldar sua incapacidade de se conectar afetivamente com Dalva e com seu filho.

À vista disso, o autor afirma que muitos homens, ao se tornarem pais, enfrentam uma gama de sentimentos contraditórios e não sabem como se situar internamente em relação a essa nova experiência. Venâncio exemplifica essa confusão, sentindo-se ameaçado pela necessidade de dividir o afeto de Dalva com o filho. Incapaz de lidar com essa nova dinâmica, ele repete os comportamentos que aprendeu com seu pai. Para ele, a paternidade é um território desconhecido, onde seu senso de masculinidade se vê abalado. De acordo com Nolasco (1993, p. 161), "a paternidade, para um homem, é uma situação em que ele não sabe como agir e se situar internamente".

Nas dinâmicas de masculinidades viris, a amamentação e os cuidados maternos com o filho podem ser percebidos pelo pai como uma ameaça de incesto, gerando a necessidade de romper essa ligação. No contexto do ciumento patológico, essa tensão é exacerbada pelo ego ferido do possessivo, que deseja toda a atenção do objeto de seu amor (a mulher), evitando qualquer interferência nessa relação. Essa compulsão por controle frequentemente se traduz em agressão e violência.

No dia em que atacou o filho, Venâncio fez aquele mesmo caminho acompanhado também pela loucura. Sentiu muita raiva de si mesmo. Lembrou da primeira vez que odiou seu pai. Foi na hora do almoço, ele era muito pequeno e derramou um copo de suco na toalha branca. O pai bateu a cara dele na toalha molhada até o nariz sangrar. Pra você aprender a prestar atenção, falou aos berros. A covardia do pai em fazer aquilo com um menino de sete anos era imensa e ainda assim menor do que a covardia de atirar o filho recém-nascido longe. Reconheceu: era pior do que o pai [...] (Madeira, 2021, p. 142).

No trecho acima, Venâncio evoca uma memória de seu passado: o episódio em que seu pai o puniu por um acidente infantil. Essa memória ilustra bem o ciclo de abuso, pois a brutalidade do pai, que bateu no rosto do menino, ainda muito pequeno, com uma toalha molhada até que ele sangrasse, é uma expressão da violência que marcou sua vida. A cena reflete como a autoridade paterna é exercida através do medo e da dor, em vez do afeto e compreensão. A raiva de Venâncio por seu pai manifesta também a impotência diante de uma figura que deveria ser protetora, mas que na verdade, se torna uma fonte de sofrimento.

A análise de Lacan em *O seminário, livro 3: As psicoses (1955-1956, 1985)*, sobre a função paterna e sua relação com a loucura emerge como uma crítica contundente às teorias organicistas da década de 1940, que buscavam explicar a loucura exclusivamente por meio de causas biológicas. Para o psicanalista, a função paterna transcende a mera presença física do pai; trata-se de um papel simbólico essencial que atua como mediador entre o sujeito e a ordem simbólica. Essa função é responsável por introduzir o indivíduo no campo da linguagem e nas normas sociais, desempenhando um papel fundamental na estruturação da psique. Assim, a função paterna não apenas organiza a experiência do sujeito, mas também se revela como a estruturadora da ordem, tanto na psique individual quanto na dinâmica familiar e no ambiente doméstico.

A loucura, nesse contexto, pode ser entendida como uma falha na função paterna. Quando a função paterna não cumpre seu papel de estruturar o sujeito diante da lei e do desejo, ocorre uma desconexão com a realidade simbólica, levando ao rompimento da ordem psíquica. Lacan entende que a loucura resulta dessa incapacidade de reconciliação entre o sujeito e o mundo simbólico, expondo uma desarmonia essencial entre o "eu" e o "ser", o que compromete a integridade do sujeito em sua realidade social.

Além disso, Lacan introduz a ideia da "loucura do Pai", que reflete a disfunção simbólica da função paterna, o que não se limita ao pai biológico, mas à ausência ou inadequação do "Nome-do-Pai", conceito que simboliza a autoridade normativa e organizadora da vida psíquica. Quando essa função colapsa, o sujeito se perde entre as demandas do real, simbólico e imaginário. Em *Tudo é rio (2021)*, essa perspectiva pode ser aplicada a Venâncio. O pai de Venâncio é descrito como um homem brutal, e sua paternidade não exerce a função de mediação simbólica necessária para estruturar Venâncio de forma saudável. Pelo contrário, o comportamento do pai cria um ciclo de agressão e repressão emocional que contribui para moldar a personalidade dele.

[...] Venâncio pegou seu menino no chão ainda cego de ciúme. Saiu de casa com ele chorando forte nos braços, com passos largos, decididos demais para quem ainda não sabia aonde ir. Seguiu sem rumo, apertando o ritmo das pernas. Aos poucos foi recuperando alguma lucidez. O que tinha feito? O arrependimento veio de uma vez, como um soco que acerta em cheio o pior lugar, o mais sensível, o mais doloroso. Estava num turbilhão sem volta. Pensou no pai e pôs a culpa nele. Repassou um a um os piores momentos. O suco na toalha, as grosserias repentinas, as reclamações constantes, a violência física, o humor desagradável. A vergonha de ser seu filho. Quantas vezes quis um pai diferente. Tinha aversão a ter intimidade com ele, não confiava, sabia que seria surpreendido pelo desagradável todas as vezes que estivessem juntos. E se esse era um lado escuro da sua vida, acabou também sendo um farol, iluminou o desejo de viver o oposto de toda aquela hostilidade, justamente o que encontrou em Dalva. Podia chegar perto sem medo de levar um soco, podia fechar os olhos e confiar, se entregar, sabia o que esperar dela, a delicadeza viria

sempre que ele estivesse ao alcance de suas mãos. Meu Deus, o que eu fiz com Dalva? Ela também confiava nas minhas mãos. O rancor do pai veio à tona mais forte ainda, compareceu inteiro, profundo. Culpou seu José não pelo que ele, Venâncio, tinha feito, mas pelo que ele era. Por não ter escapado do que viveu, não ter se transformado em outra coisa. Tentava se defender, argumentava consigo mesmo que não tinha escolhido jogar o filho longe, não tinha era sido capaz de não jogar. Maldito (Madeira, 2021, p. 143).

A passagem acima retrata um momento em que Venâncio entra em crise emocional, preso entre a dor do passado e suas ações no presente. Ele, ao sair de casa com seu filho nos braços, manifesta um conflito interno. O arrependimento que o golpeia “como um soco” revela não apenas as consequências de suas ações, mas também a influência de sua infância, marcada por uma relação complicada com seu pai. O sentimento de vergonha é predominante, com Venâncio desejando ter tido um pai diferente.

No entanto, o reconhecimento de suas atitudes no trecho “o que eu fiz com Dalva?” revela sua angústia ao perceber que sua incapacidade de lidar com as emoções teve consequências diretas sobre quem ama, onde rancor e culpa caminham juntas. Desse modo, a "loucura do Pai", tanto no sentido simbólico laciano quanto no contexto de Venâncio, evidencia como a ausência de uma função paterna estruturante pode levar à desintegração psíquica e emocional. Essa ausência cria um vazio que se traduz em atitudes destrutivas, cujas consequências reverberam na vida dos envolvidos, especialmente no âmbito familiar.

## **2.2 A hierarquia familiar: dinâmicas de poder, controle e violência**

Elódia Xavier (1998, p. 28-29), em *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*, afirma que a hierarquia nas relações familiares se mantém através da dominação masculina. Essa hierarquia está embutida no sistema de gênero, onde homens e mulheres desempenham papéis definidos, com o homem assumindo a figura de autoridade. Ela destaca que "as normas sociais são responsáveis pela distorção dos laços afetivos", e esses laços acabam se tornando "elementos estruturantes dos conflitos" presentes nas relações.

Consoante a isso, Pierre Bourdieu (1999, p. 61), em *A dominação masculina*, descreve o conceito de *illusio* como o investimento primordial nos jogos sociais que definem o que torna o homem "verdadeiramente homem". Esse senso de honra, virilidade, ou, como dizem os cabilas, "cabilidade" (*thakbaylith*), funciona como o princípio que orienta os deveres do indivíduo para consigo mesmo, sendo o motor que impulsiona suas ações para manter-se digno aos seus próprios olhos.

Bourdieu argumenta que essa ideia de masculinidade impõe uma pressão constante aos homens, que se esforçam para "se manter à altura desta ideia de homem". Essa tensão pode

gerar frustração e, muitas vezes, resultar em violência. O ataque de Venâncio ao filho recém-nascido e a própria Dalva ilustra o extremo dessa crise de masculinidade, evidenciando como essas construções sociais podem levar a atos de dominação e agressão.

Nessa mesma linha de pensamento, Elisabeth Badinter (1993, p. 7), ao questionar a identidade masculinidade, afirma que o homem (vir) se vê como universal (homo) e que ele se considera "o representante mais perfeito da humanidade", um critério de referência, e que essa visão os leva a acreditar que são superiores às mulheres. A construção da masculinidade, como aponta Badinter, é uma "construção ideológica" que exige que o homem mantenha uma postura de força, mesmo quando essa força é apenas uma fachada para encobrir suas vulnerabilidades. Figueira (1987) complementa essa análise ao apontar que, embora a "família hierárquica" pareça estruturalmente organizada, é permeada por tensões e conflitos subjacentes, revelando a fragilidade dessas dinâmicas de poder:

A "família hierárquica" é relativamente organizada, "mapeada" – o que não quer dizer que não contenha vários conflitos reais e potenciais em sua estrutura. Neste modelo de família, homem e mulher se percebem como intrinsecamente diferentes, e esta diferença se cristaliza em sinais visíveis como o tipo de roupa, linguagem, comportamento e mesmo sentimento considerado próprio para cada sexo. O poder do homem se apresenta como superior ao de sua esposa, esta superioridade se fundando na relação privilegiada com o trabalho fora de casa e no fato de que a expectativa de monogamia só é sistematicamente sustentável do homem em relação à mulher, e não vice-versa [...] (Figueira, 1987, p. 15-16).

No caso de Venâncio e Dalva, a hierarquia familiar tradicional, com o homem no controle, está em constante erosão devido às complexas dinâmicas de poder. As mulheres-mães tradicionais foram frequentemente idealizadas como as "rainhas do lar", ocupando uma posição central na dinâmica familiar. No entanto, as mulheres-mães contemporâneas não se limitam a essa ideologia; embora muitas ainda se identifiquem com esses papéis, há uma crescente conscientização e resistência a tais expectativas.

Contudo, parte da sociedade insiste em impor normas específicas sobre o comportamento e as características de homens e mulheres, perpetuando a ideia de que as mulheres possuem um dom natural para o cuidado e a proteção, uma crença enraizada em sua capacidade de gerar filhos. Em contraste, os homens são frequentemente vistos como provedores, responsáveis por demonstrar força para proteger suas famílias. Essa diferenciação de gênero remete à discussão proposta por Badinter (1993), que questiona se a masculinidade é um dado biológico ou uma construção ideológica. Ela argumenta que sobre o sexo biológico são construídas demandas culturais que estabelecem os papéis que homens e mulheres devem desempenhar, assim como as relações de poder que serão estabelecidas entre eles.

As relações de gênero, como Bourdieu (1999) enfatiza, não são igualitárias ou simétricas, mas permeadas por relações de poder e dominação. Em consequência disso, essa dominação se manifesta em comportamentos que, embora variem entre os indivíduos, sustentam estruturas de poder que favorecem os homens. Portanto, mesmo que nem todos os homens exibam as características estereotipadas associadas à masculinidade, a maioria acaba se conformando com esse papel, já que ele proporciona vantagens sociais que os incentivam a adotá-lo. Esse é o caso de Venâncio, cuja trajetória reflete as pressões culturais sobre o que significa "ser homem".

Venâncio estava exausto dele mesmo, de viver naquele corpo, das lembranças na boca amarga, tinha saudade demais dentro dele, o remorso era um estilete afiado ferindo tudo. Correntes. Queria um pouco de vazio. Tinha pressa de morrer, era isso o que mais tinha. Deixou Manu cuidar dele, tirar o sapato, pôr debaixo da coberta. Ia fazer o quê? Matar Lucy? Arrebentar com ela? Covarde que ele era. Merecia ser torturado, passar a vida preso pelo que tinha feito. Como pôde bater em Dalva? Nem confessar seu crime confessava, e agora queria punir o deslize daquela puta miserável? Bancar o protetor de sua mulher depois de ter destruído a vida dela? Ele que fez tudo no escuro, queria matar a vagabunda que fez tudo na luz do dia, na frente da rua cheia? Muito mais decente do que ele. Covarde. Sem dar uma folga para os pensamentos ruins, chicoteando a própria carne, insistiu na tortura o quanto pôde, mas acabou sendo vencido pelo sono profundo, a maior bondade de Deus com a gente. Dormiu uma eternidade, virou pedra (Madeira, 2021, p. 133).

O trecho acima revela a dor que aprisiona Venâncio e que transforma sua masculinidade em um fardo, ao invés de uma fonte de força. Com um sentimento de vazio e desespero, ele anseia por escapar de seu sofrimento, e seu desejo de "morrer" revela o quão insuportável sua vida se tornou. A passagem sugere que a masculinidade que Venâncio encarna o empurra para um abismo emocional, onde ele se vê incapaz de lidar com as consequências de seus atos e de aliviar sua própria culpa. Esse momento também levanta uma reflexão sobre como a masculinidade tradicional frequentemente reprime a vulnerabilidade e impede o homem de buscar redenção de maneira saudável. Venâncio, em vez de encontrar uma saída para a cura, afunda cada vez mais em sua dor, escolhendo a auto-punição como resposta.

Badinter (1993, p. 74), ao levantar a questão: "Qual a essência do macho humano?" sublinha a noção de que a masculinidade é automaticamente exaltada pela sociedade, sem a necessidade de qualquer evidência adicional além da mera declaração de seu status masculino. Em face disso, como destacam Hardy e Jimenez (2001), a masculinidade é ensinada desde a infância, tornando-se quase um predicado inevitável para aqueles nascidos homens. Desde a gestação, os pais projetam expectativas sobre seus filhos baseadas em seu sexo biológico, moldando suas identidades de gênero, como aborda Nader (2002). A construção da masculinidade, porém, não é estática e depende do contexto histórico e social. Venâncio, ao

voltar de sua jornada, já marcado por traumas e solidão, encarna a luta interna de um homem moldado pela violência e pelo fracasso em alcançar o ideal masculino: “[...] Traços fortes, beleza morena e rude. Olhos profundos e uma solidão triste, que não deixava ninguém chegar muito perto. Parecia lutar por dentro, uma luta perdida, sem vencedor, sem descanso e sem fim” (Madeira, 2021, p. 77).

O peso das expectativas sociais sobre o gênero masculino torna-se insuportável para o personagem, que, ao confrontar seus próprios atos de violência, se percebe como covarde, incapaz de se adequar ao modelo de homem que a sociedade exige. Ao mesmo tempo, Venâncio está ciente de sua culpa. Sua trajetória evidencia a construção de um ideal de masculinidade que, ao ser perpetuado, destrói tanto o sujeito quanto aqueles ao seu redor. Nesse sentido, o remorso de Venâncio por suas ações ecoa o que Bourdieu (1999) descreve como a tragédia da masculinidade: a necessidade de corresponder a um ideal que, ao mesmo tempo, o corrói por dentro.

Segundo Badinter (1993, p. 27-34), o homem e a mulher são prisioneiros de um esquema predeterminado, e eles estão condenados a desempenhar para sempre os mesmos papéis e a recomeçar eternamente a mesma guerra. Isso evidencia a ideia de que os papéis de gênero, determinados socialmente e culturalmente, são impostos tanto aos homens quanto às mulheres, aprisionando-os em expectativas e padrões rígidos de comportamento. Ao abordar essas questões, Badinter contribui para a discussão sobre como as construções de gênero podem limitar o potencial de desenvolvimento de ambos os sexos, criando uma constante tensão entre as exigências sociais e as experiências individuais.

Desse modo, a autora argumenta que, para que um novo homem possa emergir, é necessário que ele passe por uma reconciliação consigo mesmo. Esse homem deve ser capaz de equilibrar solidez e sensibilidade. A ideia de “homem reconciliado”, conforme proposto por Badinter, refere-se àquele capaz de integrar os aspectos que foram historicamente separados pelos discursos tradicionais das instituições. Esse homem é produto das transformações pós-modernas, como o feminismo e o declínio do modelo patriarcal familiar.

A divisão mais equilibrada das tarefas domésticas entre pai e mãe, bem como a maior participação paterna na criação dos filhos, possibilitaria o surgimento de um homem capaz de harmonizar virtudes tradicionalmente associadas ao masculino e ao feminino, sem que uma anule a outra. Desde a infância, os meninos são submetidos a constantes testes de virilidade, evidenciando traços de misoginia e homofobia. A tríplice negação apontada por Badinter ilustra bem essa particularidade: para afirmar sua identidade masculina, o homem deve convencer a si mesmo e aos outros de que não é uma mulher, não é um bebê e não é um homossexual. Esse

modelo de masculinidade se constrói, principalmente, em oposição ao feminino, uma vez que tanto o bebê, por sua passividade e ligação com a mãe, quanto o homossexual, por ser associado a características femininas, são rejeitados.

Tendo isso em vista, uma das questões que não posso deixar de refletir neste trabalho é: se a violência de gênero é uma construção social, por que ainda persiste? Por que, mesmo após tantos anos de questionamentos e lutas, tantas de nós ainda não ocupam os mesmos espaços que os homens em diversos âmbitos da sociedade? Apesar de tantas leis, iniciativas de empoderamento e engajamento, por que questões como a violência doméstica, a dependência financeira e a sub-representação em cargos de poder continuam a limitar nosso avanço?

Essas perguntas revelam a complexidade de uma rede de fatores sociais, culturais, históricos e estruturais que sustentam a desigualdade de gênero. Como mulher e estudante dessas questões, percebo que a construção social das relações de gênero, embora amplamente reconhecida, está profundamente enraizada em mecanismos de poder que não se desfazem facilmente. Falar sobre essa construção é discutir normas e valores moldados por gerações, que consolidam expectativas e comportamentos ao longo do tempo.

O Índice Global de Paridade de Gênero (GGPI)<sup>9</sup> ilustra essa realidade de forma alarmante, mostrando que os indicadores de desenvolvimento humano pontuam 28% mais baixo para nós, mulheres, em comparação com os homens. No Brasil, essa disparidade é ainda mais acentuada, com as brasileiras apresentando índices 32% inferiores em áreas cruciais como vida, saúde, educação e participação no mercado de trabalho. Embora o desenvolvimento humano tenha avançado, isso não foi suficiente para garantir a igualdade de gênero. O relatório do GGPI destaca que, entre 114 países analisados, 85 apresentaram baixo ou médio desempenho na paridade de gênero, evidenciando que o desenvolvimento econômico e social não se traduz automaticamente em maior igualdade.

Essa realidade reflete barreiras que enfrentamos, que são mais profundas e enraizadas em aspectos culturais e estruturais. Mesmo com políticas públicas voltadas para a equidade e iniciativas de empoderamento, essas barreiras permanecem, demonstrando que a construção social das relações de gênero não se desfaz apenas com mudanças legislativas ou conscientização individual. Essa estrutura é sustentada por uma teia complexa de interesses econômicos, políticos e culturais que perpetuam a desigualdade.

Nesse cenário, mesmo com os avanços do movimento feminista, muitas de nós ainda enfrentam violência e desigualdade. Contudo, a resistência feminina brilha como um exemplo

---

<sup>9</sup>Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/news/desigualdades-entre-homens-e-mulheres-persistem-em-paises-de-alto-desenvolvimento-humano>. Acesso em: 04 out. 2024.

poderoso de como temos encontrado novas maneiras de confrontar a violência e os sistemas de opressão. A desconstrução das normas de gênero exige uma transformação que vai além de legislações e discursos; precisamos atingir as raízes culturais e estruturais que sustentam a desigualdade.

O feminismo, com suas conquistas, não fracassou; porém, continua a enfrentar o desafio de desmontar uma ordem social que foi cuidadosamente construída e se mantém através de mecanismos de poder profundamente enraizados e difíceis de desfazer. É uma luta que, como mulher, sinto profundamente e que me motiva a continuar buscando mudanças reais e significativas.

### **2.3 A profundidade do silêncio: a água como reflexo das emoções**

A violência que marcou a vida de Dalva transformou sua raiva em um silêncio profundo e impenetrável. Venâncio usou de todos os apelos para romper esse silêncio: chorou, implorou, ameaçou e até tentou tirar a própria vida. Porém, de nada adiantou. O silêncio de Dalva passou a preencher cada canto da casa, sendo um testemunho mudo da tragédia que os separava.

No livro *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (1997), Eni Orlandi explora o conceito de silêncio desde sua origem etimológica. A palavra "silêncio" deriva do latim *silentium*, que remete a *silens*, significando "aquele que se cala", "silencioso", "que não faz ruído". Orlandi também menciona o uso clássico do termo *sileo* (estar quieto) para descrever tanto pessoas quanto elementos naturais como a noite, os ventos e o mar. A partir dessa base etimológica, a autora traça uma conexão entre o silêncio e o mar profundo, devido à sua natureza líquida e fluida.

Assim como o mar é profundo, o silêncio também o é, e é na profundidade que reside o seu real significado. A partir disso, Orlandi sugere que as ondas representam os ruídos e as turbulências que podem perturbar a quietude do silêncio, enquanto as bordas simbolizam os limites que definem o espaço dele. O movimento, então, é associado às palavras, que trazem vida e dinamismo ao que, à primeira vista, parece quieto.

Portanto, a significação vem do movimento. Mas se estar em silêncio é estar quieto, e se o silêncio significa, onde está o movimento? A autora ressalta que mesmo quando não falamos, não estamos apenas mudos, há o pensamento, a introspecção, a contemplação etc. (Orlandi p. 35).

Nessa linha de reflexão, Gheerbrandt e Chevalier (1988), no *Dicionário de símbolos*, analisam as águas como o símbolo da infinidade dos possíveis. As águas têm propriedades que

purificam, estimulam, curam e fecundam, mas também dissolvem. No tarot, ferramenta que se comunica através de símbolos, o naipe de copas, que pertence aos arcanos menores, reflete o campo das escolhas, atitudes e a influência de outras pessoas em nossas vidas. Esse naipe é simbolizado pelo elemento água, que representa emoções e sentimentos, os quais, quando em excesso, precisam ser controlados, ajustados ou transformados. Nesse sentido, o simbolismo da água está diretamente relacionado aos estados emocionais intensos.

Em *Tudo é rio* (2021), o rio se manifesta na narrativa por meio do suor, saliva, sangue, lágrimas e sêmen. Essa metáfora expressa a vida em seu fluxo incontrolável, que tudo traz e tudo leva. No campo dos sentimentos, o rio representa a correnteza das experiências, desaguando em novas emoções, assim como a água doce que se mistura à salgada ao correr para o mar, refletindo a complexidade das interações humanas.

No livro, tudo é intenso e desgovernado, e o rio representa o amor entre Dalva e Venâncio, que, antes manso em seu fluxo, se transformou em águas profundas e turvas. Essa metamorfose do rio, que outrora serenava seus momentos juntos, se transformou em um símbolo do abismo entre eles, sugerindo que, assim como as águas, suas vidas estavam irrevogavelmente alteradas, arrastadas por correntes que os levava para cada vez mais longe um do outro.

#### **2.4 Desvendando o silêncio: entre dominação e resistência**

Retomando os estudos de Orlandi (1997), a autora destaca que o silêncio não é transparente, uma vez que não pode ser interpretado de forma imediata, podendo ser tão ambíguo quanto as palavras, pois depende de condições específicas para que seu modo de significar seja compreendido. A autora sugere que o silêncio emerge de diversas maneiras:

[...] Há múltiplos silêncios: o silêncio das emoções, o místico, o da contemplação, o da introspecção, o da revolta, o da resistência, o da disciplina, o do exercício do poder, o da derrota da vontade etc. A partir da concepção não-negativa de silêncio, e da observação de seus modos de existência, outra questão se impõe: como compreender o silêncio? (Orlandi, 1997, p. 38).

Com base nisso, a autora observa que, ao explorar o silêncio, muitas vezes se constata que ele ocupa uma posição secundária, sendo muitas vezes considerado o “resto” da linguagem, mesmo que esteja inserido nos campos de estudo da comunicação e dos usos do discurso. No entanto, é importante reconhecer que o silêncio é muito mais do que a mera ausência de palavras; ele pode ser um veículo poderoso para transmitir emoções, intenções e significados profundos. Para além disso, aliado à dissimulação, que, segundo Torquato Accetto (2001), é a habilidade de não fazer ver as coisas como são, ambas as ferramentas surgem como uma

estratégia de resistência<sup>10</sup>feminina ao poder masculino, criando um espaço de reflexão que serve como tática de preservação e sobrevivência, até que outras atitudes possam ser tomadas. Segundo Orlandi (1997, p. 13), “é no movimento do silêncio que se cruzam indistintamente a relação incerta entre mudança e permanência”. Essa reflexão se aplica diretamente à escolha de Dalva em *Tudo é rio* (2021). Embora tivesse a opção de seguir um novo caminho, considerando a família acolhedora que tinha, que a valorizava e sentia sua falta, e que poderia levar seu filho sobrevivente para longe, Dalva decide permanecer.

Porém, essa permanência não é passiva. O silêncio que ela adota se revela como uma estratégia carregada de significado, pois é através dele que ela faz Venâncio lembrar, a cada dia, da dor que lhe causou. No contexto da análise discursiva, o não-dizer físico, como o silêncio ou a ausência de palavras explícitas, se configura como um dizer simbólico que emerge no subtexto. Esse discurso implícito, que permeia o texto, evidencia as estruturas simbólicas que operam nas entrelinhas.

Assim, destaca-se a importância de uma leitura crítica e da interpretação do romance, que permite compreender como mulheres resistem a práticas culturais e sociais que buscam confiná-las a papéis pré-definidos. Essas narrativas revelam formas de resistência que não dependem diretamente da fala, mas do silêncio e de outras estratégias discursivas.

Dalva escolhe permanecer, mas ao silenciar, ela redefine seu papel na narrativa, resistindo sem palavras e subvertendo as estruturas que tentam aprisioná-la:

Com a dor, o silêncio. Denso, ácido. Estagnado. Um silêncio de caco de vidro moído esfolando o corpo por dentro. Um desesperar, nada por vir. Dalva parou de falar com Venâncio. Não olhou mais para ele, considerou que ele não estava mais vivo, ignorou sua presença. Nenhuma reação. Nem quando ele chorou, quando ficou sem comer, quando parou de se lavar, nem quando ameaçou morrer, nem quando mandou valente, cuspiu na cara dela, sugigou prometendo uma nova surra, jurando morte, morrendo esmagado pelo que não podia ser desfeito. Nada. Ele suplicou sincero, desamparado, e ela nem um olhar, nenhum perdão possível (Madeira, 2021, p. 25).

Na citação acima, a autora descreve o silêncio de Dalva como "denso" e "ácido", sugerindo que essa ausência de comunicação está impregnada de desespero e tensão emocional.

---

<sup>10</sup>Significado de Resistência:

Substantivo feminino: Ação ou efeito de resistir, de não ceder nem sucumbir. Recusa de submissão à vontade de outrem; oposição. Tendência para suportar dificuldades. Qualidade de um corpo que reage contra a ação de outro corpo. Defesa contra um ataque.

Disponível em: <https://www.dicio.com.br/resistencia/>. Acesso em: 30 nov. de 2024.

A metáfora "caco de vidro moído esfolando o corpo por dentro" intensifica a percepção do sofrimento que a personagem vivencia. Ao interromper a fala e evitar o contato com Venâncio, mesmo morando na mesma casa, Dalva não apenas impede que ele acesse sua dor, mas também utiliza o silêncio como uma estratégia de proteção. Essa escolha de ignorá-lo e tratá-lo como se estivesse "morto", é uma maneira de recuperar o controle sobre sua própria narrativa. Ao mesmo tempo, essa indiferença funciona como uma tortura para Venâncio, que se vê impotente diante dela. Cada gesto de desespero dele é enfrentado com indiferença por parte de Dalva, reforçando a ideia de que ela se recusa a ceder à dinâmica de poder que ele busca restaurar.

De acordo com isso, Orlandi também enfatiza que para compreender o silêncio, não se deve atribuir um sentido metafórico em sua relação com o dizer, ou seja, traduzir o silêncio em palavras, mas conhecer os processos de significação que o silêncio põe em jogo. A autora aborda que o silêncio pode ser entendido em duas faces diferentes, uma é o silêncio que é "imposto", que funciona como instrumento de dominação e exclusão do sujeito, e o segundo é o silêncio "proposto", que pode se apresentar como uma forma de resistência, de defesa e proteção.

Além do mais, Orlandi defende a ideia que o silêncio é fundante, ou seja, ele serve de base ou pode ser usado como fundamento para a construção de algo, e que todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer. Ela também aborda que historicamente, a sociedade ligou a ideia de silêncio à censura, guardando tudo aquilo que de alguma forma ofenda ou desmoralize. Apesar disso, para a autora, assim como as palavras são múltiplas, os silêncios também são, pois ele é um material significativo, e o ser humano está "condenado" a significar, com ou sem palavras.

Tiago Fernandes Alves (2017), no livro *O som do silêncio e o silêncio do som: pela construção de uma sociologia sonora*, explora a história do silêncio e a sua função dramática. Segundo o autor, o silêncio confere profundidade às situações, algo que a fala contínua não consegue fazer. Ele pode ser uma ferramenta de controle, cuja natureza subjetiva impede definições absolutas. Alves descreve o silêncio como "o poder comedido que cala a boca, segura as ações do corpo que não pode se mover, falar, fazer barulho." E como o "controle mais sutil e talvez o mais violento de todos", pois é a retirada da ação, de uma performance. Além do que já foi mencionado, Alves destaca que o silêncio pode se manifestar em diversas formas de dominação: "a mulher que cala mesmo violentada, os filhos que calam diante dos excessos patriarcais, o negro que cala pela agressão policial, os sem-terra que calam diante da morte violenta de seus companheiros [...]" (Alves, 2017, p. 36).

Dessa maneira, ele conclui que o silêncio também pode ser uma violência que afeta o

pensamento em seu processo, tornando-se uma não-ação que reflete a inércia de uma fala que nunca se pronuncia. Sendo assim, compreende-se que o silêncio integra um complexo jogo de relações de poder, tornando-se uma peça crucial nas dinâmicas de dominação e resistência.

### 3 DISSIMULAÇÃO: UMA ABORDAGEM ESTRATÉGICA

A busca pela autoconservação levou o ser humano a desenvolver estratégias que garantissem sua sobrevivência. Entre essas, destaca-se a dissimulação, um dos conceitos centrais deste trabalho. Ao refletir sobre o conceito de “dissimulação honesta”, proposto por Torquato Accetto (2001), percebe-se sua relevância como uma estratégia de resistência racional e criativa diante da opressão de um poder.

Dessa maneira, ao pensar no convívio entre os seres humanos, cada situação requer uma máscara distinta. No caso positivo da dissimulação, o conceito é descrito como um "método" para o indivíduo "se construir" ou para "construir-se segundo um modelo". A dissimulação, nesse contexto, não é uma mera artimanha, mas um recurso que exige flexibilidade para adaptar-se às ocasiões e aos humores variáveis das interações humanas.

Longe de ser uma simples astúcia ou fruto de uma alma medíocre, a dissimulação envolve um enfrentamento íntimo com a angústia, o silêncio e a dor de existir. Nas palavras de Accetto (2001, p. 15), o ato de dissimular “tem muito de seco”, distante de qualquer servidão cortesã ou tentativa de conquistar a benevolência dos poderosos. Pelo contrário, ela se configura como uma defesa incansável daquilo que é íntimo e oculto, algo que jamais se permite revelar por completo, preservando a essência mais profunda do indivíduo.

Dissimulação e honestidade, ainda que pareçam uma contradição de termos, deixam de ser contraditórias quando se leva em conta a complexidade da verdade pessoal. Porém, para Accetto, dissimular é necessário para a condução humana imperfeita, portanto, a dissimulação é honesta<sup>11</sup> enquanto não diz imediatamente o que é. Sendo assim, é fundamental ponderar ou buscar o que é verdadeiro em contextos onde a verdade é constantemente indireta e construída a partir de situações embaraçosas. Como o escritor observa: "Se nesta vida somente num único dia não será necessária a dissimulação, na outra ela jamais ocorre [...]" (Accetto, 2001, p. 87).

Aliada ao silêncio, a dissimulação surge como uma forma de resistência diante da opressão. A visão accettiana a define como um recurso que permite ao indivíduo uma pausa estratégica na enunciação da verdade. Em vista disso, a dissimulação se configura como um recurso necessário nas interações sociais, onde o sujeito muitas vezes precisa lidar com forças maiores que ele. Como o próprio Accetto (2001, p. 19) afirma: "Simula-se aquilo que não é,

---

<sup>11</sup> É importante destacar que o conceito de "dissimulação honesta", abordado por Torquato Accetto, chegou ao meu conhecimento por meio da tese de doutorado de Gilda Carneiro Neves Ribeiro, defendida no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Em sua pesquisa, Gilda analisou o uso da dissimulação e do silêncio como estratégias de resistência feminina em duas obras de Ángeles Mastretta. Diante disso, seu trabalho me incentivou a conhecer a obra de Accetto, o que, por sua vez, foi fundamental para o desenvolvimento da minha própria escrita.

dissimula-se aquilo que é".

A simulação, portanto, esconde uma falsidade, enquanto a dissimulação oculta uma verdade, revelando-se como uma prática de adaptação e sobrevivência. Indivíduos que são frequentemente considerados "mais fracos", recorrem a esses mecanismos como uma forma sutil de resistência. Essa prática de esconder emoções ou intenções revela-se especialmente relevante para aqueles em posições de vulnerabilidade, como Dalva em *Tudo é rio* (2021).

No dia em que Venâncio tirou o filho de seus braços e o jogou longe, ela experimentou a dor de perder tudo. Inclusive a fé, que a acompanhou tantas vezes na narrativa. Dalva sentia raiva de Deus por ter continuado viva. Ela acreditava que morrer teria sido um gesto de bondade, pois queria a inconsciência:

No dia em que Venâncio arrancou o filho dos seus braços quentes e o atirou longe, ela conheceu a dor desumana de perder tudo. Perdeu o homem que amava, o filho que amava e a fé. Venâncio bateu nela, e a misericórdia de Deus não veio ao seu encontro. Continuou viva. Morrer teria sido um gesto de bondade, morta perdoaria Deus. Queria a inconsciência, não mais saber, não ter visto, não ter vivido. Mas, ao contrário, o escuro estava aceso como nunca, tudo estava lá no seu corpo pesado e impotente, na sua alma ensanguentada. Não esqueceria. Perdeu todas as palavras (Madeira, 2021, p. 63).

Quando perdeu todas as palavras, em sua cabeça, ela só lembrava de uma coisa: o ódio refletido nos olhos de Venâncio:

Venâncio saiu de casa com o filho nos braços enquanto Dalva, no chão, tentava se levantar. Queria ter forças para buscar e proteger o filho, para correr atrás de Venâncio, mas o corpo não obedecia. Tinha gosto de sangue na boca, e os olhos mal se abriam. Mesmo assim, arrastou seu peso, tentou ficar de pé nas pernas trêmulas. Caiu. Não podia se lembrar direito do que tinha acabado de viver. Sentia o dente arranhar a língua ferida. As lágrimas não desciam. Queria com sede suas lágrimas, queria chorar todo o seu sangue. Virar poça. Mas o susto secou suas águas. Foi traída. Tentava pensar no rosto do filho e não conseguia se lembrar. Entrou em desespero, o ar desapareceu. Não viu onde o filho caiu, não sabia se ele tinha chorado. Que mãe era ela que não sabia? Por favor, filho, me perdoa. Na sua cabeça vinha o ódio que viu nos olhos de Venâncio, olhos que ela gostava tanto de olhar. De onde veio aquele ódio? Filho, por favor, não olhe. Dalva desacordou, precisava morrer um pouco (Madeira, 2021, p. 64).

É válido esclarecer que o indivíduo que dissimula não age com uma intenção prévia definida, como se seguisse um plano preestabelecido. Para Accetto (2001), a dissimulação ocorre de acordo com as circunstâncias. Como ato, ela se configura como a omissão voluntária de sinais que poderiam revelar nossas intenções, pensamentos ou impressões, muitas vezes percebidos como negativos ou indesejáveis, e que, por isso, precisam ser ocultados.

De acordo com o autor, a dissimulação é um poderoso mecanismo de defesa. Trata-se de não permitir ser percebido, regularmente por meio do silêncio, criando uma proteção contra

possíveis ameaças ou confrontos. Dissimular é esconder emoções, camuflar ações e intenções com o objetivo de obter vantagem ou proteção, enfrentando o opressor de maneira velada. Além disso, é crucial distinguir a dissimulação da mentira, pois, enquanto a mentira consiste em forjar uma falsa realidade, a dissimulação é a "arte de calar" ou de falar por meio de enigmas, preservando a verdade para o momento oportuno.

A dissimulação honesta, nas palavras do escritor italiano, não visa criar falsidades, mas oferecer um descanso à verdade: “um véu composto de trevas honestas e decoro forçado, de que não se forma o falso, mas se dá algum repouso à verdade, para demonstrá-la a seu tempo” (Accetto, 2001, p. 19).

Assim, a dissimulação é uma habilidade refinada, uma prática estratégica que permite que o sujeito enfrente circunstâncias adversas sem se expor completamente. Em situações de conflito, especialmente quando se está em uma posição de desvantagem, a dissimulação atua como uma tática de sobrevivência, proporcionando ao indivíduo o tempo necessário para refletir e evitar decisões precipitadas. Dessa maneira, apesar de constantemente ofuscadas pela figura masculina, as mulheres, por meio da dissimulação e silêncio, conseguem penetrar as brechas deixadas por seus opressores. Essas estratégias silenciosas permitem que o leitor reflita sobre a força interior e resistência que, embora não expressas em palavras, são profundamente poderosas e reveladoras.

### **3.1 O papel do silêncio e da dissimulação na construção do poder feminino de Dalva**

Dalva assume um papel crucial em *Tudo é rio* (2021): A mulher que outrora era reconhecida pelo encanto que sua voz trazia, agora era uma mulher que evitava falar até com sua própria mãe, de quem sempre recebeu colo, palavras acolhedoras e amor. Mesmo que fisicamente viva, sua alma parecia morrer um pouco a cada dia. Ela se transformou em uma figura misteriosa e impenetrável, sobre a qual ninguém sabia o que se passava por dentro, uma representação de como a dor pode moldar um indivíduo. Aqueles que a observavam não compreendiam sua transformação, mas eram tomados pela curiosidade diante do que não podiam entender. Sua dor fazia com que as pessoas a respeitassem, mesmo sem terem conhecimento de sua real causa.

Dalva personificava o abandono, que parecia ganhar pernas e caminhar junto com ela. Ainda assim, ela mantinha a cabeça erguida, sem se importar com os olhares alheios. Nem mesmo Lucy<sup>12</sup>, a prostituta mais famosa da cidade e apaixonada por Venâncio, conseguia tirar

---

<sup>12</sup> Lucy, uma prostituta orgulhosa e desejada por todos os homens da cidade, se apaixona obsessivamente por Venâncio, mas é constantemente rejeitada por ele. Apesar de sua posição de poder sobre os homens, ela se vê vulnerável diante da recusa de Venâncio, o que alimenta sua obsessão e a dor da paixão não correspondida. Em um momento crucial, Venâncio cede às investidas de Lucy após ela soltar os cabelos. Esse ato faz com que ele a

Dalva de seu silêncio blindado. Dalva não reagia às suas provocações, não demonstrava ira, não se deixava afetar. Carla Madeira construiu uma personagem complexa, que desenvolveu um silêncio com poder de fermento, que cresce e se intensificava a cada momento.

Dessa forma, não é pela voz ou pelos olhos de Dalva que o leitor compreende suas nuances, mas por meio de uma cuidadosa observação e interpretação de suas ações e reações. O estudo de personagens em obras literárias é uma tarefa complexa, que vai além do espaço textual a eles dedicado. Ele deve ser avaliado também pela profundidade de seus papéis e pela maneira como influenciam o desenvolvimento e o funcionamento interno da narrativa.

Diante dessa circunstância, o silêncio e a dissimulação, quando analisadas em conjunto, se reforçam e se complementam, gerando uma tensão constante ao longo da narrativa. Por isso, ao compreender que após a violência sofrida, a voz de Dalva dá lugar ao silêncio, cabe ressaltar que ele não acontece como um gesto de submissão, mas como uma estratégia de retaliação e controle. Seu silêncio, que não é vazio, serve como uma punição a Venâncio por retirar dele o acesso às suas respostas emocionais.

Nas palavras de Accetto (2001, p. 61), os menos dotados para a dissimulação são aqueles cujo temperamento tende à transparência e ao descontrole. Para ele, “A ira é inimiga da dissimulação”. Dalva se enquadra na ideia da "dissimulação honesta" proposta pelo autor, pois, ao mesmo tempo em que esconde suas intenções, não deixa de expressar sua dor através de outros meios sutis. Se antes da tragédia, Dalva era admirada por sua leveza e generosidade afetiva: [...] Dalva tinha um amor abundante no coração, não seria avarenta de afeto [...] (Madeira, 2021, p. 175). Depois dela, esse amor generoso se transformou em uma barreira.

Por ser um repouso da verdade, Dalva utiliza a suspensão da enunciação como uma tática para sobreviver. Assim, enquanto o silêncio impede o confronto direto, a dissimulação serve como uma maneira de encobrir sua verdadeira postura e manter o controle das interações.

Diante disso, essa dinâmica de silêncio e dissimulação gera uma constante sensação de incerteza para Venâncio, que se vê confrontado com uma esposa que não responde aos seus abusos de maneira previsível.

Ao ocultar seus sentimentos e intenções, Dalva coloca Venâncio em uma posição de vulnerabilidade, pois ele não consegue prever suas ações ou entender a profundidade de suas emoções. A dissimulação, assim, potencializa o efeito do silêncio, criando um ambiente onde o

---

visualize não como Lucy, mas como Dalva, que costumava fazer o mesmo ao se deitar com ele. Venâncio, em um estado de fantasia, revisita o passado ao imaginar Dalva, o que distorce a relação entre ele e Lucy. Como descrito no romance: "Ela soltava o cabelo e Venâncio revisitava o passado, fechava os olhos e, sem olhar Lucy, trepava com Dalva." (Madeira, 2021, p. 64). Essa ilusão alimenta a deterioração emocional de Venâncio.

poder de Dalva cresce pela falta de clareza e pela suspensão da verdade.

A tensão entre os dois personagens é evidente quando Venâncio, incapaz de lidar com o silêncio de Dalva, se vê aprisionado por suas próprias emoções:

[...] Por que ela não ia embora? A tristeza escraviza, nos faz dependentes de que alguma coisa aconteça, nos obriga a esperar por um olhar, um movimento, uma coragem, um amanhecer qualquer que limpe nossas águas e nos devolva a liberdade, lugar onde a alegria encontra espaço para existir. Venâncio estava preso há anos em seu corpo apertado esperando Dalva voltar [...] (Madeira, 2021, p. 204).

Em vista disso, em *Tudo é rio* (2021), o silêncio e a dissimulação interagem e se complementam. O silêncio oferece a base para a dissimulação, criando um espaço onde as palavras são ausentes, mas as intenções são veladas. Juntas, essas estratégias desafiam o poder masculino, subvertendo o domínio de Venâncio e permitindo que Dalva, por meio de sua quietude e dissimulação, construa uma forma de resistência eficaz dentro da narrativa. Lacan (1998), ao retomar um poema de Antoine Tudal (1950) em seus estudos, traz uma reflexão profunda sobre as barreiras que se interpõem entre o homem e a mulher, simbolizando as dificuldades intrínsecas nas relações humanas, especialmente no campo amoroso:

*Entre o homem e o amor,  
Existe a mulher.  
Entre o homem e a mulher,  
Existe um mundo.  
Entre o homem e o mundo,  
Existe um muro.  
(Antoine Tudal, in *Paris en l'an 2000*)*

Ao abordar o poema, o psicanalista aperfeiçoa a fórmula e aprofunda a metáfora, sugerindo que entre o homem e a mulher há um "muro" não apenas no sentido literal, mas também no campo da linguagem, do desejo e do inconsciente. Para ele, o "muro" entre o homem e a mulher representa a impossibilidade de uma comunicação plena e direta entre os sujeitos. O "muro" simboliza, assim, a barreira intransponível entre os sujeitos. O homem e a mulher não têm acesso direto ao que o outro deseja, e isso gera frustração, mal-entendidos e, muitas vezes, rupturas nas relações.

Além disso, Lacan também sugere que o "muro" entre o homem e a mulher pode ser visto como o limite imposto pela linguagem. O "muro" é, então, uma incompletude inerente às relações humanas, onde a comunicação nunca é perfeita, marcada por uma falta estrutural, um abismo entre o que se deseja e o que se consegue, e a impossibilidade de eliminar completamente os obstáculos entre os sujeitos.

Assim, a trajetória de Dalva e Venâncio é uma representação contundente das tensões e

desafios que aparecem quando as vozes se calam e as barreiras se erguem, refletindo as complexidades das relações de gênero.

### **3.2 A resistência de Dalva e a dinâmica da punição**

Na obra *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (1999), Michel Foucault, analisa as formas de punição como uma manifestação clara do poder e sua influência no desenvolvimento das sociedades. Esse poder, ao se expressar por meio de medidas punitivas, impacta profundamente a maneira como o percebemos. Foucault destaca três modos de sanção, cada um refletindo diferentes aspectos da relação entre poder, corpo e memória: a punição como espetáculo, como vigilância e como marca.

Na abordagem da punição como espetáculo, Foucault argumenta que esse tipo de penalidade possui um caráter ritualístico, evidenciando a força do Estado e refletindo os valores da sociedade. O espetáculo serve para desestabilizar os infratores e reforçar as normas, transformando o castigo em um evento educativo e de entretenimento, ao enfatizar a força e a autoridade da lei. Em seguida, na vigilância, as instituições, como prisões e escolas, começam a adotar métodos mais sutis de controle. Nesse contexto, a disciplina e a observação tornam-se ferramentas fundamentais de regulação. Logo, a ênfase passa a ser menos sobre a dor física e mais sobre a conformidade e a manutenção da ordem social.

Por último, a punição como marca remete à necessidade de imprimir no corpo do condenado um sinal que o associe ao crime cometido. Esse sinal é tanto físico quanto simbólico, perpetuando a ideia de que o criminoso deve carregar o peso de seu erro. As cicatrizes, sejam elas reais ou psicológicas, atuam como lembretes constantes do poder exercido sobre o indivíduo e da disciplina imposta pela sociedade. “[...] Que o castigo, se assim posso exprimir, fira mais a alma do que o corpo [...]” (Foucault, 1999, p. 20).

Essas diferentes manifestações da punição revelam a complexidade do controle coletivo, demonstrando que o poder se exerce de formas variadas e sutis, moldando a vida dos indivíduos e suas interações. Pierre Bourdieu (1999), em seus estudos sobre a violência simbólica, oferece uma chave importante para compreender essa dinâmica. Ele destaca como essa forma de dominação se impõe de maneira sutil, sendo muitas vezes internalizada pelas vítimas. Desse modo, ao se calar, Dalva se recusa a alimentar o ciclo de dominação de Venâncio, transformando o silêncio em uma ferramenta que comunica de maneira poderosa sua dor e que desestrutura a masculinidade dele, ferindo sua alma ao invés de seu corpo.

A insegurança de Venâncio frente à mudança de Dalva revela a fragilidade de sua masculinidade e é um exemplo de como o silêncio dela o atinge de maneira profunda. “Não

exagerou, não alterou a voz, não garimpou palavras para amaldiçoar, nem deu asas ao ódio ou a qualquer desejo de vingança, mas antes de se calar pediu a Francisca que não contasse a Venâncio que Vicente estava vivo [...]” (Madeira 2021, p. 196).

Dalva não se permite reagir com ódio; ela prefere o silêncio como forma de comunicação, um silêncio que Venâncio não consegue decifrar. A profundidade desse silêncio é destacada na obra, em um momento no qual Dalva cuida do filho que Venâncio teve com Lucy: “Ouvia a voz de Dalva nos cuidados com o filho. Para ele ainda não havia voz, nem olhos, nem ouvidos, nem gosto algum. Seguiu não existindo, sendo lembrado a cada dia do que tinha feito [...]” (Madeira, 2021, p. 203). Esse silêncio, no caso de Dalva, transforma-se em poder: “[...] Ninguém nunca ouviu uma palavra que fosse sobre o assunto da boca de Dalva, ela calou profundo. E foi nesse silêncio sem paz, áspero, que alguns pensamentos estridentes agarraram, arranhando, batendo panela insistentes” (Madeira, 2021, p. 133-134).

Nesse viés, o embate entre o dito e o não dito, entre palavra e silêncio, entre consciência e esquecimento, se torna central. A linguagem de Dalva se manifesta nos espaçamentos de sua ausência verbal, liberando memórias e significados que transcendem a lógica verbal de Venâncio. Como apontado por Foucault (1990, p. 71-72), “a linguagem não é mais do que o rumor informe e fluido, sua força está na sua dissimulação; por isso é uma única e mesma coisa como a erosão do tempo; é o esquecimento sem profundidade e vazio transparente da espera”.

Quando Aurora visita a filha após o trauma, o impacto do silêncio de Dalva é evidente. Ao entrar no quarto, Aurora mal reconhece a filha, que parece reduzida a uma sombra do que já foi. O corpo de Dalva está presente, mas vazio de vitalidade, despojado da esperança que antes o preenchia.

Aurora, com sua presença silenciosa e delicada, torna-se uma âncora, tentando suavizar a dor de Dalva com pequenos gestos: abrir as janelas, deixar a luz entrar, colocar flores frescas nos vasos, preparar alimentos com afeto e até alimentá-la como se tentasse, através de cada ato de cuidado, reavivar o espírito de sua filha. No entanto, Aurora percebe algo ainda mais profundo: o distanciamento entre Venâncio e Dalva, que agora nem se olham, nem se tocam. Ela compreende que algo de extremo e irreversível os separa, uma tristeza insondável que ela respeita sem questionar, intuindo que o ciúme pode ter sido uma faísca para algo maior:

Aurora entrou no quarto. Mal reconheceu Dalva. O corpo estava lá, sozinho, vazio de tudo que ela tinha sido. Sem esperança. Ossos, olheiras, palidez no escuro da janela fechada, tudo impregnado de abandono. Não tentou nenhuma palavra. Se deitou na cama com a filha, os corpos encaixados, os braços envolvendo Dalva num agasalho de mãe. Horas eternas. A pele quente das mãos entrelaçadas, soprando um pouco de alívio na carne viva. Muitos dias Aurora ficou lá. Abriu aos poucos janelas e cortinas, pôs flores nos vasos. Fez comidas carinhosas, deu de colher na boca. Viu que

Venâncio e Dalva não se olhavam mais. Não se tocavam. Alguma coisa muito triste tinha acontecido ali. Não perguntou. Desconfiou que o ciúme tinha parte naquilo. Convidou a filha para passar uns tempos na fazenda, deu notícias de cada irmão, entregou bilhetes, presentes feitos à mão. Argumentou que seria bom mudar de ares, ficar forte, superar tudo aquilo. Mas Dalva não quis. Aurora resistiu a ir embora sozinha, essa foi sua única insistência, adiou o quanto pôde sua volta para casa, em vão (Madeira, 2021, p. 102-103).

Aurora sente na ausência da filha, um vazio não só físico, mas também emocional e espiritual. Dalva permanece em um espaço de dor, recusando-se a verbalizar o que aconteceu, mas permitindo que o silêncio fale por si. Ao visitar a filha, Aurora parece trazer alguma leveza temporária, mas não suficiente para restaurar Dalva por completo, que logo se torna uma figura marcada pelo luto, distante e isolada em seu sofrimento:

Nas primeiras semanas, Dalva não comia, não bebia, não acendia a luz, morria um pouco a cada dia. Se levantou depois de uma longa visita de luto da mãe, saiu de casa sem deixar pistas e, para desespero de Venâncio, só voltou ao entardecer do dia seguinte. Desse dia em diante, passou a sair todas as manhãs. Caminhava lenta, magra, ombros fechados de quem desistiu. Ninguém sabe ao certo aonde ia. Na hora mais triste das tardes, quando a saudade parece apertar o coração do mundo, Dalva voltava para casa. Dizem que a tristeza dessa hora está nas entranhas da gente, infiltrada nas nossas menores porções há milênios. Nasceu do pavor infinito de anoitecer, hora em que as mulheres não sabiam se seus homens voltariam vivos da caça. Muitas vezes não voltaram. Hora em que os homens, ao voltar da caça, não sabiam se encontrariam suas mulheres mortas. Muitas vezes encontraram. Perder amores é escurecer por dentro, uma memória do corpo que o entardecer evoca quando tinge o céu de vermelho. Para quem está sozinho depois de ter amado, o fim do dia é muito triste. Era nessa hora que ela voltava (Madeira, 2021, p. 26).

A autora, ao descrever o entardecer como um momento de tristeza que atravessa gerações, sugere que as dores de Dalva e de tantas outras mulheres fazem parte de uma longa história de perdas e esperas. A tristeza de Dalva transcende sua experiência pessoal, conectando-se com um sofrimento universal que o entardecer evoca, como uma hora do dia que, para quem já amou e perdeu, se torna triste.

O trecho abaixo revela a complexidade das escolhas de Dalva, que, embora seja cercada de inúmeras possibilidades de recomeço e transformação, decide permanecer:

Dalva poderia ter ido embora, ido viver com a família. Lá a música faria ela renascer aos poucos. Lá viveria de novo com Túlio, Elis, Elza, Euclides, Mateus e Isadora, e o amor seria a parte mais banal dos dias. Poderia ter denunciado a violência de Venâncio, feito ele ir pagar na cadeia, espalhado sua crueldade em toda a cidade, confessado ao padre o imperdoável, recebendo absolvição para odiar. Poderia ter contado tudo para Aurora e ter dela as palavras certas, o colo amoroso. Poderia ter encontrado um novo amor, ter tido outro filho e com ele nos braços passar em frente aos Alves desfilando sua volta por cima. Poderia ter mudado de rua e nunca mais ter caminhado no passeio das putas. Poderia não ter cicatrizes nos dedos. Poderia ter se vingado. Ter perdoado. Dalva poderia tantas coisas se pudesse. Mas só pôde o que fez. Quem vê de fora faz arranjos melhores, mas é dentro, bem no lugar que a gente

não vê, que o não dar conta ocupa tudo. Dalva ficou, mastigou aquela dor e se alimentou dela. Não podia deixar de lembrar a Venâncio, todos os dias, todas as noites, todas as estações do ano, que ele havia morrido para ela quando matou o amor deles. Nenhuma palavra, nenhum olhar, nenhuma migalha. Era no desespero dele de não ter mais nada dela que Dalva encontrava forças para sofrer. E sofrer era a única vida possível diante do que tinha perdido [...] (Madeira, 2021, p. 133-134).

Carla Madeira, ao apresentar os vários caminhos que Dalva poderia ter seguido, mas ao afirmar que “ela só pôde o que fez”, nos oferece uma forma de reconciliação com a indignação que surge do desejo de um destino diferente para a protagonista. Esse sentimento de frustração, compartilhado por quem acompanha sua trajetória, reflete a expectativa de que Dalva poderia ter encontrado um novo começo, porém, quando a autora menciona que “quem vê de fora faz arranjos melhores”, percebo que, apesar da clareza do olhar externo, apenas quem vive a dor pode compreender sua real magnitude.

O sofrimento de Dalva é único, imensurável por observadores alheios. A dor, como bem aponta o texto, é algo que se mastiga em silêncio, um fardo que só quem carrega pode entender plenamente. Isso ressalta que, por mais que o observador tenha opiniões e estratégias sobre como enfrentar uma situação difícil, quem está imerso na dor muitas vezes não consegue escolher os melhores caminhos. Diante de sua experiência, Dalva fez o que pôde. Por mais desconcertantes que suas escolhas possam parecer para quem está de fora, a permanência ao lado de Venâncio, o silêncio contínuo e a decisão de não denunciá-lo revelam a complexidade de sua resistência.

Ao invés de partir, tendo em vista que tinha outras opções, Dalva opta por transformar sua convivência com o agressor em um campo de batalha onde o silêncio se torna sua arma mais poderosa. Para Dalva, o silêncio se transforma em uma forma de lembrar a Venâncio que ele destruiu o amor que compartilhavam. Ela não precisava gritar ou confrontá-lo diretamente, pois seu silêncio seria a própria sentença. Dessa forma, o silêncio de Dalva, enquanto expressão da sua dor, demonstra que o poder não está apenas nas palavras ditas, mas também nas ausências significativas.

No livro *A força da não violência: uma discussão sobre ética e política* (2020), Judith Butler levanta o seguinte questionamento: o que nos motiva a preservar a vida do outro? Ao refletir sobre essa questão, a autora diz que a destruição do outro equivale à nossa própria destruição, e que, ao nos relacionarmos com o outro, reconhecemos aspectos de nós mesmos que não estão completamente resolvidos. O outro, nesse sentido, age como um espelho, no qual enxergamos não apenas quem ele é, mas também partes de nossa própria história, marcada por faltas, perdas e desejos não cumpridos. Butler aprofunda a ideia de que nossa identidade não é

puramente individual; somos compostos pelas interações e experiências acumuladas com aqueles ao nosso redor.

Sou não apenas a precipitação de todas as pessoas que amei e perdi, mas também o legado daquelas que não conseguiram me amar bem e daquelas que, imagino, conseguiram me manter longe da angústia intolerável e precoce em relação a minha sobrevivência e da culpa (e da ansiedade) insuportável pelo potencial destrutivo de minha raiva. E eu me esforço para me tornar aquela que busca assegurar as condições de sua vida e sobreviver à raiva que você sente por uma dependência da qual não pode fugir. Na verdade, todos nós vivemos, mais ou menos, com raiva de uma dependência da qual não podemos nos libertar sem libertar as condições da vida social e psíquica em si (Butler, 2020, p. 87).

Por fim, ao sugerir que nossa identidade é profundamente influenciada pelas relações que estabelecemos ao longo da vida, Butler também diz que ao mesmo tempo em que somos dependentes dos outros para nossa sobrevivência emocional, também lutamos contra a raiva que essa dependência pode gerar, e que essa raiva, muitas vezes, se origina da frustração e da dor causadas pelas expectativas não atendidas nas relações, refletindo uma luta interna para encontrar um equilíbrio entre a autonomia e a vulnerabilidade.

Assim, trazendo essa reflexão para o contexto de *Tudo é rio* (2021), Dalva se vê dividida entre a necessidade de garantir sua sobrevivência e a raiva que surge da frustração e da dor causadas por expectativas não atendidas. Sua jornada é um reflexo da luta interna para encontrar um equilíbrio entre a autonomia e a vulnerabilidade, que Butler descreve tão bem. Diante disso, ao optar por permanecer ao lado de Venâncio, mesmo que em silêncio, Dalva não está punindo somente a ele, ela também está punindo a si mesma.

### **3.3 Entre resistência e redenção: reflexões finais sobre Dalva e Venâncio**

Dalva, ao escolher o silêncio em vez do confronto direto, desencadeia uma série de transformações sutis na dinâmica entre ela e Venâncio. Sua decisão de criar João, filho de Venâncio com Lucy, que, por gostar da vida que levava na prostituição, decidiu entregá-lo a ela, abriu espaço para que Venâncio buscasse a reconciliação e a mudança. Venâncio, ao se aproximar do filho, começa a questionar suas próprias ações, revelando a profundidade de sua própria crise moral e emocional, também fazendo Dalva questionar a si mesma. “Pensou se uma mulher tem o direito de perdoar um homem que bate nela. Não encontrou a resposta, talvez não houvesse uma resposta” (Madeira, 2021, p. 193).

A personagem enfrenta um dilema moral profundo, que vai além da questão do perdão. Ela se vê em uma encruzilhada entre a dor causada por Venâncio e a possibilidade de um novo começo através de João. Esse conflito interno representa a luta entre amor e dor, entre o desejo de reconciliação e a necessidade de proteção emocional. A falta de uma resposta clara sobre o

perdão reflete a ambiguidade das relações humanas, especialmente em contextos marcados por abuso e violência. A escolha do silêncio, portanto, não é apenas uma estratégia de enfrentamento; é uma forma de dar espaço para a transformação, tanto de si mesma quanto de Venâncio.

Diante do exposto, o próximo trecho mostra a profundidade das emoções de Dalva ao se deparar com a transformação de Venâncio e o impacto disso em seu interior. Ela se vê tomada por um turbilhão de sentimentos, questionando a audácia dele em suavizar suas mágoas:

Dalva chorou de perder o fôlego, não estava preparada para sentir o que sentiu. Como ele se atrevia a fazer isso? Como ousava amansar seu coração, lançar aquele afeto sobre ela, suavizar suas mágoas, deixando em neblinas o passado? Com que direito ele fazia ela enxergar o que já tinha amado nele? Como ele pôde dar uma forma tão linda ao amor de pai se deveria ser capaz apenas de sofrer, sofrer e sofrer, depois de tudo o que tinha feito com eles? Dalva já não podia mais tirar o berço de João, nem dela mesma. Estava vulnerável. Um pedaço de pão no leite. Amolecia (Madeira, 2021, p. 186).

Após um longo período de silêncio devido à dor causada por Venâncio, Dalva é surpreendida por uma onda inesperada de afeto. Ela sente choque ao redescobrir a capacidade de enxergar o que um dia amou em Venâncio, vivenciando um conflito interno: de um lado, sua dor a mantém firme; do outro, a humanidade que começa a emergir em Venâncio a desarma emocionalmente. A metáfora que a compara a um "pedaço de pão no leite" reflete seu estado ao ser confrontada com a vulnerabilidade inesperada, fazendo-a amolecer. Essa imagem simboliza a dissolução de suas defesas, construídas a partir do sofrimento, frente a um afeto paternal que a surpreende:

Dalva começou a esperar por cada movimento, cada surpresa; aos poucos foi esquecendo de trancar a porta, aos poucos foi deixando que ela ficasse aberta antes de entrar no banho. Esquecia silenciosa uma fresta entre o banheiro e o quarto e espiava Venâncio com João. Se emocionava com o que um fazia pelo outro. Dividida, tentava algum acordo dentro dela. Estava chegando a hora, sentia que estava chegando a hora. Tudo viria à tona (Madeira, 2021, p. 186).

O silêncio que Dalva escolheu tinha um propósito claro: quebrar Venâncio até que ele compreendesse o mal que causava. A intenção era puni-lo, e com essa punição, ensinar uma lição. Entretanto, ao se deparar com a ternura de Venâncio, Dalva vê sua narrativa de dor e punição silenciosa desafiada, o que a deixa desestabilizada e traída por seus próprios sentimentos. Seu questionamento sobre "como ele se atrevia" revela a luta interna em manter Venâncio como alguém destinado ao sofrimento, sem espaço para redenção. O amor paternal que ele demonstra ameaça diluir as memórias de seu passado doloroso, criando uma névoa sobre as violências que viveu.

Diante disso, a voz que no início da narrativa cede lugar ao silêncio, agora abre espaço para que este saia de cena, permitindo que sua voz possa emergir novamente. Essa renovação se torna especialmente evidente quando ela retoma uma das atividades que mais ama: cantar, mas desta vez, para João, seu filho de criação.

[...] Mas, naquela manhã, cantou. Deu o banho em João inventando uma música sem nome, feita no improviso de deixar ele feliz. Com as mãozinhas, o pequeno buscava a boca de Dalva encantado com o movimento dos lábios. A banheira estava sobre a cama, a janela aberta deixava ver o azul de abril, o sol entrando ainda suave parecia vitorioso em seu incansável desejo de esperança: mais um dia. Do outro lado, Venâncio ouvia. Estava imóvel, Dalva cantava (Madeira, 2021, p. 189-190).

O ato de cantar, então, se torna mais do que uma simples expressão de carinho, mas também uma maneira de Dalva recuperar algo que estava perdido, talvez a própria alegria de viver. Ela, ao criar essa canção improvisada, se afasta momentaneamente do peso do silêncio e da dor, buscando, através da melodia, um espaço onde ainda seja possível se conectar com os outros de maneira genuína e sem artifícios.

Venâncio, que já não aguentava mais viver dessa maneira, decidiu, após anos torturando a si mesmo, se perdoar:

Já tinha cumprido a sua pena, eram anos de tortura diária, sua alma vivia uma fome corrosiva, seu exílio foi ser enterrado vivo. Chega, não quero mais mastigar esse rancor, cuspo, quero ser condenado à morte, me matem, mas, se me deixarem vivo, quero meu próprio perdão, pelo menos isto: ser perdoado por mim mesmo. Entendeu? Eu me perdoo. Gritou: eu me perdoo. Precisava andar, queria despistar a culpa, escapar de seu veneno cáustico. Eu me perdoo. Entendeu? Respirou fundo buscando acalmar o tumulto. Cantarolou baixinho a música que Dalva cantou de manhã: pé-bola, mão-violão, boca-sorvete, olhos-enfeites. Largou a varanda em direção à rua, mas, mal abriu o portão, foi atingido pelo que viu: ela, em seu vestido branco de flores, caminhando de ombros abertos, os cabelos soltos, a valsa inspirando seus passos, vinha sem arrastar aquela maldita noite com ela. Onde jogou fora aquele peso? (Madeira, 2021, p. 205).

Ele sempre foi guiado pela culpa? Quando agia violentamente contra Dalva, a culpa e o arrependimento o acompanhavam? É crucial esclarecer isso, pois, nas análises anteriores, o foco estava na violência e na agressão, evidenciando o lado feroz e animal de Venâncio. O trecho apresentado acima retrata o ponto culminante do conflito interno dele, marcado por uma exaustão emocional e psicológica após anos de auto-tortura. Apesar de seus atos de violência, ele é um homem consumido pela culpa, que, ao chegar ao limite de seu sofrimento, busca o perdão que acredita ser incapaz de obter de Dalva.

O trecho revela a complexidade da jornada de redenção de Venâncio. Embora não tenha sido externamente condenado por suas ações, ele viveu um “enterro vivo”, onde sua alma foi corroída pela culpa. Sua decisão de se perdoar surge como uma fuga do peso insuportável que

carrega, algo que ele deseja desesperadamente abandonar. O monólogo em que declara: "Chega, não quero mais mastigar esse rancor, cuspo, quero ser condenado à morte", expressa o desespero de alguém que não consegue mais viver se condenando por suas ações.

Nesse momento de ruptura, Venâncio busca se libertar desse ciclo, gritando para si mesmo que se perdoa, como se, ao verbalizar isso, pudesse finalmente se livrar do tormento interno. Entretanto, essa profundidade de sua culpa está enraizada na percepção de que, apesar de todo o sofrimento, ele permanece incapaz de reparar o que destruiu em Dalva.

Venâncio revela uma complexidade que vai além do simples rótulo de "mau" personagem; ele representa um homem mentalmente perturbado, refletindo as pressões sociais e emocionais que muitos homens enfrentam hoje. Sócrates Nolasco (1993) destaca que a busca por manter a imagem de macho, provedor e chefe de família gera estresse, ansiedade e uma vida desgastante, o que muitas vezes leva os homens casados a morrerem antes das mulheres.

Portanto, à primeira vista, Venâncio não é intrinsecamente malvado; ele se entrega a atos de violência como um reflexo de sua desordem mental e emocional. A cada episódio violento, a sanidade de Venâncio se revela comprometida. Ele é um homem constantemente acompanhado pela loucura, e suas atitudes refletem esse estado de desordem mental. Então, em vez de tomar decisões conscientes, ele sucumbe à pressão interna, agindo pela força do desespero e pela falta de controle sobre suas emoções.

Por fim, o livro termina quando Venâncio se depara com Dalva, que, vestindo um "vestido branco de flores" e deixando-se guiar por uma "valsa que inspira seus passos", parece leve e livre do peso que a oprimia. A imagem de Dalva caminhando com os "cabelos soltos" e "sem arrastar aquela maldita noite" simboliza o início de sua própria libertação. Ela, ao perceber as sutis transformações em Venâncio, decide revelar, após anos de silêncio, que o filho deles está vivo, livrando-se assim de um dos seus casulos. Ainda não era uma borboleta, mas quem acompanhou sua jornada torce para que ela alcance essa metamorfose.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho expôs a trajetória de Dalva e Venâncio, começando pela leveza da personalidade de Dalva, cuja voz cativante, gentileza e empatia encantavam todos ao seu redor. O estudo avançou para a construção do amor entre eles, culminando na dolorosa violência que Dalva enfrenta e no impacto devastador dessa experiência em sua vida e em suas relações. Para além disso, a análise também considera a insegurança de Venâncio, revelando como suas marcas emocionais e sua relação problemática com o pai contribuem para suas atitudes possessivas e violentas. Por fim, o trabalho explorou o silêncio e a dissimulação que surgem após essas vivências, apresentando-os como respostas à violência sofrida. Essa sequência permitiu uma compreensão mais profunda da transformação de ambos os personagens.

Portanto, apoiado nas contribuições dos teóricos que serviram de base para este ensaio, confirmou-se a hipótese que se pretendia revelar: o papel complexo do silêncio e da dissimulação como estratégias de resistência feminina e punição dentro das relações de gênero. Observou-se que o silêncio não se resume a uma simples ausência de voz; pelo contrário, a análise das interações entre Dalva e Venâncio revela como essas práticas, longe de indicarem passividade ou impotência, evidenciam uma luta contra a lógica da dominação masculina. Esses elementos desempenham um papel crucial na reconfiguração das relações de poder, destacando a resiliência feminina em uma sociedade que constantemente tenta marginalizá-las.

Carla Madeira destaca, de maneira habilidosa, uma mulher que, mesmo diante da violência, permanece na relação, utilizando artifícios que punem seu algoz sem tocá-lo, atingindo-o profundamente a ponto dele se dobrar como as varas de caniços: fortes, duradouras, mas flexíveis. Essa abordagem subverte a narrativa comum que retrata a mulher apenas como vítima, mostrando que elas buscam formas de se refazer e reconfigurar suas realidades em situações de opressão.

Para além do que foi exposto, é fundamental ressaltar as lições que surgem dessa leitura para as análises literárias, especialmente ao colocar em primeiro plano personagens femininas que podem assumir o controle em situações de opressão, desafiando interpretações que as retratam apenas como passivas, derrotadas ou oprimidas. Com o objetivo de aprofundar e expandir este estudo, pretendo explorar ainda mais essas dinâmicas, buscando compreender como essas experiências se manifestam em narrativas que dialogam com a realidade social.

Através desse trabalho, espero promover reflexões que iluminem novas perspectivas sobre o poder e suas múltiplas manifestações, enfatizando que as mulheres na literatura nem sempre perdem; muitas vezes, elas se reinventam e se tornam agentes de suas próprias histórias.

## REFERÊNCIAS

ACCETTO, Torquato. *Da dissimulação honesta*. Tradução de Edmir Missio. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

AGÊNCIA RIFF. *Carla Madeira*. Disponível em: <https://www.agenciariiff.com.br/autores/carla-madeira/>. Acesso em: 11 set. 2024.

ALVES, Tiago Fernandes. *O som do silêncio e o silêncio do som: pela construção de uma sociologia sonora*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A mesa*. In: \_\_\_\_\_. *Claro enigma*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Principis, 2019.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASILESCOLA. *A intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU) na violência*. Disponível em: <https://monografias.brasilescola.uol.com.br/direito/a-intervencao-organizacao-das-nacoes-unidas-onu-na-violencia.htm#:~:text=Segundo%20a%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20de%20Be%C3%A9m,p%C3%BAblica%20como%20na%20esfera%20privada%20E2%80%9D>. Acesso em: 11 set. 2024.

BUTLER, Judith. *A força da não violência: uma discussão sobre ética e política*. São Paulo: Boitempo, 2020.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

DESCARTES, René. *As paixões da alma*. São Paulo: Lafonte, 2021.

DALCASTAGNÊ, Regina. *Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2022.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. *Venâncio*. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/venancio/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *Resistência*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/resistencia/>. Acesso em: 30 nov. 2024.

FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. O moderno e o arcaico na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (Org.). *Uma nova*

*família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

FISHER, H. *Anatomy of love: a natural history of mating, marriage, and why we stray.* New York: W. W. Norton & Company, 1995.

FOUCAULT, Michel. *O pensamento do exterior.* São Paulo: Editora Princípio, 1990.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão.* Tradução de Raquel Ramalhete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

REVISTA CRESCER. *Dalva.* Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/guia-de-nomes/dalva/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

JIMENEZ, Ana Luisa; HARDY, Ellen. *Masculinidad y género.* Revista Cubana de Salud Pública, v. 27, n. 2, Ciudad de La Habana, jul.-dic. 2001. Disponível em: [http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0864-34662001000200001](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-34662001000200001). Acesso em: 11 set. 2024.

LACAN, Jacques. *Formulações sobre a causalidade psíquica.* In: LACAN, Jacques. *Escritos.* Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 3: As psicoses (1955-1956).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

MADEIRA, Carla. *Tudo é rio.* Rio de Janeiro: Record, 2021.

NADER, Maria Beatriz. *A condição masculina na sociedade.* Dimensões: Revista de História da UFES, Vitória, 2002.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade.* Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.* 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PNUD. *Desigualdades entre homens e mulheres persistem em países de alto desenvolvimento humano.* Brasília, 12 jul. 2022. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/news/desigualdades-entre-homens-e-mulheres-persistem-em-paises-de-alto-desenvolvimento-humano>. Acesso em: 04 out. 2024.

RAMOS, Graciliano. *S. Bernardo.* Rio de Janeiro: Record, 2019.

SENADO FEDERAL. *DataSenado aponta que 3 a cada 10 brasileiras já sofreram violência doméstica.* Brasília, 21 nov. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/noticias/materias/2023/11/21/datasenado-aponta-que-3-a-cada-10-brasileiras-ja-sofreram-violencia-domestica>. Acesso em: 11 set. 2024.

TUDAL, Antoine. *Paris en l'an 2000.* Paris: Éditions du Seuil, 1950.

WIKIAVES. *Sabiá-laranjeira*. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/sabia-laranjeira#:~:text=Em%20tupi%2C%20sabi%C3%A1%20significa%20%E2%80%9Caquele,muita%20paz%2C%20amor%20e%20felicidade>. Acesso em: 29 nov. 2024.

XAVIER, Elódia. *O declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Record, 1998.